

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de História Contemporânea

A FIGURA DO JUDEU EM OLIVER TWIST

Marcus Vinicius dos Santos

**GUARULHOS
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de História Contemporânea

A FIGURA DO JUDEU EM OLIVER TWIST

Marcus Vinicius dos Santos

Trabalho de Conclusão de curso em
História da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP,
sob orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia Lana Nemi

**GUARULHOS
2018**

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Santos, Marcus Vinicius dos.

A figura do judeu em Oliver Twist/Marcus Vinicius dos Santos. -2018.

69 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Humanas, 2018.

Orientador: Ana Lúcia Lana Nemi.

Título em outro idioma: The figure of the Jew in Oliver Twist

1. A literatura como documento histórico. 2. Charles Dickens: Vida e Obra. 3. Análise do personagem Fagin, “o judeu”. I. Nemi, Ana Lúcia Lana. II. Trabalho de conclusão de curso (graduação em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Humanas. III. Título.

A figura do judeu em Oliver Twist

Trabalho de Conclusão de curso em
História da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Aprovação: ____/____/____

Profa. Dra. Ana Lúcia Lana Nemi

Profa. Dra. Rosangela Ferreira Leite

Prof. Dr. Denilson Botelho

Resumo

Este trabalho tem como principal objetivo estudar a representação do judeu em Oliver Twist, bem como o conjunto de valores produzidos pelo texto literário sobre a sociedade inglesa da segunda metade do século XIX. Assim, ancoramos a reflexão naquilo que chamamos de quarta geração dos Annales, conduzida pelo pensamento de “representação” de Roger Chartier.

Palavras-chave: Literatura, Charles Dickens, Judeu, Representação, Estereótipos.

Abstract

This work has as its main objective to study the representation of the jew in Oliver Twist, as well as the set of values produced by the literary text on the English society of the second half of the 19th century. Thus, we base the reflection on what we call the fourth generation of the Annales, driven by the thought of "representation" by Roger Chartier.

Keywords: Literature, Charles Dickens, Jewish, Representation, Stereotype.

Sumário

Sumário.....	6
Introdução.....	8
1.A literatura como documento histórico.....	12
Representação: livro, texto e leitura.....	18
2.Charles Dickens: Vida e obra.....	25
Charles Dickens: Um reformador liberal.....	25
Inglaterra: Segunda metade do séc. XIX.....	27
Breve história do judaísmo.....	34
3.Análise do personagem Fagin, “o judeu”.....	46
Síntese da obra Oliver Twist de Charles Dickens.....	48
A Fabricação histórica de um discurso.....	53
Conclusão.....	63
Bibliografia.....	65

Dedicatória

Dedico este trabalho à memória da minha velhinha, que como as estrelas, permanece iluminando o espaço.....do meu ser.

Dedico este trabalho aos amigos e familiares, com especial atenção aos que carregaram comigo a pedra de Sísifo.

Dedico este trabalho à presidente Dilma, Lula e a todos que lutam por um país mais democrático, menos intolerante e mais inclusivo.

Dedico este trabalho ao movimento estudantil, aos negros, aos pobres e homossexuais.

Dedico este trabalho ao meu ilustre amigo e orientador Igor Stefano e Profa. Ana Nemi.

Dedico este trabalho aos guerreiros de luta que estufaram o peito para gritar: “Fora, Temer!” “Ele não, ele nunca!”

Introdução

Partindo do pressuposto de que a obra literária é produto e agente do seu tempo é que examinamos o lugar do judeu no romance *Oliver Twist* de Charles Dickens. A obra publicada em 1837 conta a história de Oliver Twist, criança órfã que viveu à margem da Inglaterra vitoriana, daí porque sofreu maus-tratos físicos e psicológicos, razão pela qual decide fugir para o centro de Londres. É neste momento em que atravessa o caminho de Fagin, personagem central desta pesquisa, cuja identidade é reduzida às condições de velho, ladrão e judeu.

Assim, procuramos compreender os fatores que levaram a tais caracterizações: será o manifesto de um discurso antissemita, ou, quem sabe, o retrato de uma sociedade antissemita? Ou, antes, trata-se de um fenômeno antissemita ou antijudaico presente na Inglaterra vitoriana ao qual o autor não foi indiferente? Todas estas questões serão discutidas ao longo do trabalho.

A escolha do tema se deu a partir da minha inquietação pessoal no que se refere ao uso contínuo do termo “judeu” para descrever uma personagem. Além do mais, vale dizer que a intersecção entre História e Literatura muito contribuiu para a definição do tema, fato, aliás, que demonstrou o amplo poder de alcance do texto literário na formação de identidades culturais.

Nesse sentido, objetiva-se estudar a representação do judeu na obra *Oliver Twist* de Charles Dickens, para tanto, precisamos compreender a posição do judeu na sociedade vitoriana com a intenção de entender as continuidades e rupturas de um período marcado pela intolerância moral e dos costumes.

Propomos, com isso, três capítulos: 1) A literatura como documento histórico; 2) Charles Dickens: Vida e obra e; 3) Análise do personagem Fagin, “o judeu”. O primeiro capítulo retoma a cientificização da história no século XIX para explicar que nem sempre os estudos literários foram compreendidos como documento histórico.

Na década de 1970, com o surgimento historiográfico da chamada *Nova História*, apareceram mais estudos sobre a literatura como documento histórico. Posteriormente, *A Nova História Cultural* demonstrou a relação tênue entre o campo de pesquisa cultural e

social, de tal sorte que o conceito de “representação” parece determinante no processo social, como podemos acompanhar no caso de Fagin, “o judeu”.

Na sequência, o segundo capítulo (“Charles Dickens: Vida e obra”) enfatiza a difícil infância de Charles Dickens até lograr êxito na produção literária. Além disso, explica os impactos sociais causados pela nova ordem capitalista na segunda metade do século XIX, cujo principal marco está no acelerado e não planejado crescimento das cidades industriais, o que acarretou problemas de saneamento, habitação e etc.

Por fim, procuramos nos aproximar de Fagin, “o judeu”, personagem que habitava essas cidades e que tem a sua identidade ocultada na obra, razão pela qual retomamos o contexto de dispersão do povo judeu, de modo que reexaminamos a primeira (586 a.C) e a segunda (70 d.C) diáspora, passamos pelos massacres e perseguições do povo judeu entre os séculos V e XV, depois pontuamos o retorno do povo judeu à Inglaterra em 1637 (que haviam sido expulsos em 1290 pelo reinado de Eduardo I). Seguimos neste caminho para mostrar a complexidade histórica de perseguição contra o povo judeu.

Desta forma, chegamos ao terceiro e último capítulo (“Análise do personagem Fagin, ‘o judeu’”). Inicialmente, realizamos uma análise externa da fonte. Identificamos, por exemplo, que o objeto em estudo é composto por duas grandes traduções. De um lado, Machado de Assis começou o trabalho nos anos 1870, quando ainda era publicado em folhetim, e Ricardo Lísias, após uma longa interrupção, recuperou e concluiu a tradução em 2002.

Posto isso, observamos que a representação do judeu se manifesta por meio de estereótipos, decorrentes do silêncio histórico da personagem. Isto, por sua vez, sugere a ideia de “naturalização” do caráter negativo do judeu, fato que compõe o discurso colonial proposto por Charles Dickens, a ser analisado pelo amplo debate historiográfico¹.

¹ O conceito de “literatura colonial” foi retirado do trabalho “Discurso da reparação”, de Tânia Rodrigues Dourado. A expressão remete a um tipo de discurso de dominação, em que a representação do “outro”, legitima e justifica a ação de quem domina.

Para concluir, é importante reforçar que este trabalho de conclusão de curso foi realizado mediante apenas a tradução, ademais, não adentramos as ilustrações da obra original, muito embora reconhecemos a sua importância no campo do discurso, assim, sinalizamos, desde já, o interesse de elaborar um outro projeto com ênfase no discurso advindo das ilustrações de George Cruikshank.

Quadro 1 – Sobre os principais personagens do romance Oliver Twist

Nome do personagem	Principal característica para a história
Oliver Twist	Criança pobre, órfã e injustiçada
Agnes Fleming	Mãe de Oliver Twist
Sra. Mann	Excelente diretora da casa de detenção
Sr. Bumble	É um bedel bastante rígido
Sr. Limbkins	Presidente do conselho que delibera os rumos do asilo
Sr. Gamfield	Limpador de chaminés que tenta agenciar Oliver Twist
Sr. Sowerbarry	Empresário de enterros muito compreensivo
Sra. Sowerbarry	Mulher do empresário de enterros bastante rígida
Carlota	Membro da família Sowerbarry
Sr. Née Claypole	Funcionário invejoso dos Sowerbarry
Bill	Coveiro
Dick	Amigo de Oliver Twist
Jack Dawkins (Matreiro)	Integrante da quadrilha
Fagin (o judeu)	Líder da quadrilha organizada
Monks (Eduardo Leeford)	Irmão paterno de Oliver Twist
Calinhos Bates	Integrante da quadrilha

Nome do personagem	Principal característica para a história
Livreiro	Livreiro que presta testemunha em caso de Oliver
Sra. Bedwin	Cuidadora (enfermagem)
Betty	Moça
Nancy	Moça
Guilherme Sikes	Chefe da quadrilha organizada
Rosa	Membro da família Maylie
Sr. Fang	Comissário de polícia
Brownlow	Velho supostamente assaltado por Matreiro e Bates
Sr. Grimwig	Amigo de Brownlow

1. A literatura como documento histórico

“Que é o romance?

Significando, um relato de acontecimentos fictícios.

Por que temos necessidade de tais relatos?”

André Mourois

Muito se tem discutido sobre a importância da literatura para o campo de estudo das “belas-letras”. Também é importante percebê-la como objeto de estudo da História, fato que implica necessariamente repensar o próprio fazer histórico, dado que, a exemplo de outros eventos, a disciplina em questão está suscetível às transformações do tempo, particularmente depois dos anos 1970 com a ascensão daquilo que se convencionou chamar “Nova História” em detrimento da tradição “positivista”.

Estamos aludindo a dois grandes momentos do debate historiográfico com os seus respectivos limites temporais: no primeiro, vemos que o principal esforço da escola positivista consistia em construir um método científico para o saber histórico, antes circunscrito aos devaneios da retórica, enquanto o segundo consolidaria muito do que se sabe acerca da disciplina.

Interessa-nos explicar que nem sempre o texto literário foi compreendido como fonte de reflexão histórica. Ora, ainda em meados do século XIX, quando a História buscava autonomia diante da filosofia, especialmente devido ao cenário político de formação das nações, valorizou-se a fonte escrita oficial. Segundo o texto: “História e Historiografia nos séculos XIX e XXI”, Simone Dantas aponta que o debate em torno da identidade nacional foi fundamental para a consolidação da disciplina, uma vez que:

A História surge, desse modo, na perspectiva oficial, como legitimadora das novas bases do poder. Destarte, busca-se nas origens e a evolução da nação, com base na racionalidade, um discurso científico capaz de suscitar no povo o sentimento de identificação com a nova sociedade. Assim sendo, o século XIX configura-se por ser o “século da história erudita”, nesse período

*a profissão de historiador se profissionaliza e o ensino de História passa a ser ministrado nas universidades.*²

Notamos que a compreensão de documento dialoga com os propósitos do período. Nesse sentido, Leopold Von Ranke (1795-1886) é quem melhor simboliza o debate em torno da História, pois não apenas considerava a especificidade da matéria, como também acreditava na potência do Estado em representar as diferentes sociedades, razão pela qual enveredou a sua produção na esfera da política oficial, como lembra Gêssica Gaio em “A tarefa do Historiador no Alvorecer do Historicismo”.³

Desta forma, instituiu-se um método científico que particularizou o conhecimento histórico em um determinado tempo e espaço, fato que lhe rendeu a alcunha de “pai da história”,⁴ de tal sorte que, Márcia D’Alessio em “Teoria e história: uma relação tensionada”, reputa grande importância aos documentos escritos na busca isenta de Ranke pela verdade.⁵

Como vemos, a literatura ainda não era concebida como documento histórico, e, ainda assim, a tradição rankeana exerceu grande influência sobre os metódicos:

*Apesar do alcance das concepções positivistas, os historiadores franceses não se inspiraram especificamente em Auguste Comte, mas sim, no alemão Leopold Von Ranke. A Escola Metódica coloca em prática as postulações de Ranke e a História se firma na França, realizando uma “[...]autêntica ‘ruptura epistemológica’ ao afastar o providencialismo cristão, o progressismo racionalista, até mesmo o finalismo marxista”(BOURDÉ; MARTIN, 1983, p. 102).*⁶

Como Ranke, os metódicos franceses acreditavam na particularidade dos fatos, mas, diferente do que se pensava, o documento em si não deveria ocupar o lugar do historiador no que se refere à produção do conhecimento histórico, fato bem retratado no

² DANTAS, Simone. *História e Historiografia nos séculos XIX e XXI: do cientificismo à História Cultural*. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(51\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(51).pdf)> Acesso: 07/Jan/2018. p. 1.

³ GAIO, Gêssica. *A tarefa do Historiador no Alvorecer do Historicismo*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica (tese de doutoramento). Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=11402@1>. Acesso: 08/01/2018. 2008. p. 93.

⁴ Idem ibidem, p. 94.

⁵ D’ALESSIO, Marcia B. M. *Teoria e história: uma relação tensionada*. Disponível em <journals.epistemopolis.org/index.php/humanidades/article/download/700/270>. Acesso: 08/01/2018.

⁶ DANTAS, Simone. *História e Historiografia nos séculos XIX e XXI: do cientificismo à História Cultural*. Jataí: Anais do I Congresso Regional do Curso de História. 2007. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(51\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(51).pdf)> Acesso: 07/Jan/2018.

manual “*Introdução aos Estudos Históricos (1898)*”, de Ch. V. Langlois e Ch. Seignobos, que introduziu uma nova geração no campo de estudo da História.

Neste momento, pôde-se perceber que o rigor metodológico da análise documental estava dividido em duas partes: primeiro, tencionava-se examinar a veracidade da fonte em termos da língua, matéria, lugar e espaço de produção. Segundo, pretendia-se analisar o conteúdo, sem evidentemente perder de vista a diretriz positivista da narrativa. Com isso, a disciplina ganhava importância no âmbito científico, como destacou Cristiano Arrais.⁷

A partir da década de 1920, surge um novo paradigma historiográfico com alcance nos dias de hoje. Trata-se da conhecida Escola dos Annales – composta por, pelo menos, três gerações – oriunda da revista *Annales d’histoire économique et sociale*, publicada em 1929, sob a direção inicialmente dos historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch.⁸

Este período foi marcado pelas tensões geradas no pós-Primeira Guerra Mundial, principalmente no tocante às narrativas de ordem meramente política (tradição rankeana). Segundo Burke, a história da época, para Febvre e Bloch, não conseguiu acompanhar a complexidade dos eventos históricos, de tal modo que desconsiderou todo um universo alheio à política.

Diante desse contexto, a primeira geração dos Annales (1920-1945) amplia a definição de História, partindo do pressuposto de que todas as relações humanas são históricas. Assim, foi possível instituir a “*história como problema*”, onde o cerne da questão estava voltado menos ao documento do que à problemática empregada pelo historiador. Daí, tivemos a sobreposição desta narrativa em relação à tradição, como se pode observar em “A Escrita da História”:

Segundo o paradigma tradicional, a história deveria ser baseada em documentos. Uma das grandes contribuições de Ranke foi sua exposição das limitações das fontes narrativas – vamos chamá-las de crônica – e sua ênfase na necessidade de basear a história em registros oficiais [história política], emanados do governo e preservado em arquivos. O preço dessa contribuição

⁷ ARRAIS, Cristiano. *A Escola Metódica e o Conhecimento Histórico como problema*. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/view/11389>> Acesso: 08/01/2018.

⁸ Peter Burke estabelece três gerações dos Annales: primeira geração foi comandada por Lucien Febvre e Marc Bloch (1920-1968); segunda-geração foi comandada por Fernand Braudel (1945-1968) e a terceira geração foi comandada por Le Goff (1968-1989).

*foi a negligência de outros tipos de evidência [...] o movimento “história vista de baixo” por sua vez expôs as limitações desse tipo de documento. Os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista oficial. Para reconstruir as atitudes dos hereges e dos rebeldes, tais registros necessitam ser suplementados por outros tipos de fonte.*⁹

Este fato levou à designação de a “Revolução Francesa da Historiografia”, pois tanto o primeiro como o segundo caso marcam a virada estrutural de um período sobre o outro.¹⁰

Em 1945, inicia-se um novo momento historiográfico, em especial para a escola dos Annales, quando emergiu a segunda geração (1945-1968) comandada basicamente pela ideia de temporalidade de Fernand Braudel, que procurava enfatizar as diferentes temporalidades por meio das categorias de curta (evento), média (conjuntura) e longa duração (estrutura). Evidentemente que, de algum modo, isso implicava o distanciamento em relação à tradição que compreendia uma única temporalidade.

Para Rodrigo Cracco:

*Vale ressaltar no momento que Braudel, de fato, inova ao apresentar as durações como: diferentes umas das outras, ainda que possam se relacionar, cada qual direcionada a um determinado objeto, que se apresenta de longa ou curta duração segundo a “realidade” observada pelo historiador, e que estas durações diferentes podem ser consideradas sozinhas ou em conjunto de relações.*¹¹

A partir de tais possibilidades, vemos que a História, segundo Burke, comporta todas as temporalidades. O que, em última análise, explica a pretensão de se construir a “História Total”, como observamos em “*O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II (1949)*”, de Braudel, tese dividida em três partes, sendo cada qual

⁹ BURKE, Peter. *A Escola dos Annales*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 15.

¹⁰ BURKE, Peter. Idem *ibidem*. p. 15.

¹¹ CRACCO, Rodrigo. *A longa Duração e as Estruturas Temporais em Fernand Braudel*. Assis: UNESP (dissertação de mestrado). Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93349/cracco_rb_me_assis.pdf> Acesso: 23/01/2018. 2009. p. 55.

responsável por uma determinada duração temporal, dessa maneira, a história enquanto disciplina consegue um grande protagonismo diante das ciências sociais.¹²

No entanto, isso não impediu as transformações geradas no fim da década de 1960, quando, motivada pelas mudanças do que Leandro Rust chamou de “modernidade”,¹³ ocorre um crescimento temático (fragmentado) no que se refere à nova produção historiográfica intitulada mais tarde de terceira geração dos Annales (1968-1989), ou, simplesmente, “Nova História”.

Nessa altura, o campo historiográfico se expande de tal maneira que alcança os níveis de abstração do imaginário, mas também enfatiza todo um universo cultural, antes marginalizado pela segunda geração, como lembrou Burke:

Como vimos, na geração de Braudel [segunda geração], a história das mentalidades e outras formas de história cultural não foram inteiramente negligenciadas, contudo, situavam-se marginalmente ao projeto dos Annales. No correr dos anos 60 e 70, porém, uma importante mudança de interesse ocorreu. O itinerário intelectual de alguns historiadores dos Annales transferiu-se da base econômica para a “superestrutura cultural, do porão ao sótão.”¹⁴

Nesse diapasão, surgiram diversos outros temas (históricos) relacionados à leitura, à infância e à morte. Com isso, a literatura também passou a ser tematizada, pois, como apontou o professor Antônio Celso Ferreira, com o crescimento da área de investigação, a literatura alcançou status de documento. Só, então, é possível justificar a análise histórica sobre o texto literário.

Ainda no que diz respeito ao uso da literatura como fonte documental, é preciso salientar que nem mesmo o aspecto ficcional da obra literária retira a sua importância enquanto documento, visto que são, precisamente, as questões envolvidas na trama ficcional que são históricas, segundo Sandra Pesavento, citada por Mariana Cunha:

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em

¹² RODRIGUES, Henrique. *Lévi-Strauss, Braudel e o tempo dos historiadores*. São Paulo: Revista Brasileira de História. V. 29, nº 57. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v29n57/a07v2957.pdf>>. Acesso: 23/01/2018. pp. 165-186. 2009.

¹³ Período que marca a extrema velocidade, repetição e alienação das relações sociais, como consta no artigo “A Terceira Geração dos Annales”, de Leandro Rust. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/855>> Acesso: 27/01/2018.

¹⁴ BURKE, Peter. *A Escola dos Annales*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 15.

*jogo numa temporalidade dada. Ou seja, houve uma troca substantiva, pois para o historiador que se volta para a literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção.*¹⁵

Desta forma, a ideia de que a literatura deve ser concebida como evidência histórica parece bastante razoável à luz do que já expomos, resta-nos dizer qual é a materialidade de produção do texto literário e/ou especificamente de nosso objeto, a fim de construir um sentido histórico para a reflexão.

Para tanto, nos valem muito das noções desenvolvidas pela quarta geração, que, ao repensar o conceito de “cultura”, trouxe um novo paradigma para o conhecimento histórico – o que, por sua vez, lhe rendeu o nome de *A Nova História Cultural* – tratava-se de pensar a cultura, segundo Pesavento, como um conjunto de representações particulares e gerais:

*Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta de [Nova] História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo.*¹⁶

Roger Chartier, como filho desta tradição influenciada em grande medida pela Antropologia Cultural, enfatiza que a fratura entre a terceira e a quarta geração reside no fato de que, enquanto aquela se valeu do pensamento meramente socioeconômico para impor suas inovações temáticas, esta buscava as formas de assimilação social por meio das representações, sem que, com isso, comprometesse a análise cultural.

Nessa perspectiva, pode-se perceber que a importância dada por Chartier quanto à representação está no exercício do poder de organizar as relações sociais. Isso significa dizer que apesar de não expressar o mesmo vínculo metodológico da história das mentalidades, por razões de ordem histórica – pois quando a história, em 1970, aderiu às

¹⁵ PESAVENTO, 2006, p. 22 *apud* CUNHA, Mariana P. R. *Memória e representação da Guerra dos Mil Dias nas obras de Gabriel Garcia Márquez*. Teresina: VI Simpósio de História Cultural. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Marina%20Procopio%20Rodrigues%20da%20Cunha.pdf?fbclid=IwAR164t9-dU-dnM3fO9TFp9Srd_uogxDF0OsWdQsoblIqMF-Nar9y1D07fQk> Acesso: 27/01/2018. 2010, p. 4.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra. *História & História Cultural*. 2ed. Belo Horizonte. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 42.

novas exigências temáticas, não renunciou ao êxito na época da análise social (sujeito) –, mas, também, não se desconsiderava em absoluto, especialmente porque o referido conceito estruturava em parte as relações sociais (objeto):

As representações do mundo assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais.¹⁷

Diante dessas considerações, procuramos pensar a participação do texto literário no escopo do conceito de representação, de modo a concebê-lo como um evento histórico e, portanto, sujeito às transformações do tempo e do espaço. Além do texto, a composição do livro e da leitura, são elementos históricos fundamentais na produção de sentido da obra, o que exige do historiador uma compreensão sensível sobre os processos de produção, transmissão e apropriação dos textos. Tudo isso faz parte do esforço em compreender o discurso de Charles Dickens sobre o judeu em *Oliver Twist* ¹⁸

Representação: livro, texto e leitura.

O debate em torno da produção literária se divide basicamente em duas grandes frentes: uma está calcada na relação entre autoria e as editoras submetidas ao mecenato que precederam o século XVIII, ao passo que, a outra, marca a ruptura da dependência

¹⁷ CHARTIER *apud* PACHECO. *As implicações do conceito de representação em Roger Chartier com as noções de habitus e campo em Pierre Bourdieu*. Londrina: ANPUH. XXII Simpósio Nacional de História. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.0051.pdf>> Acesso: 27/01/2018. 2005, p. 3.

¹⁸ CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro*. São Paulo: Editora Unesp, 1998, p. 18.

das produções por encomenda a partir do século XVIII, o que permitiu angariar novos horizontes temáticos, daí, por exemplo, surge o gênero romance na literatura sob o pioneirismo de Daniel Defoe, Samuel Richardson e Henry Fielding, como observaremos adiante.

Primeiramente, empreendemos a história do livro, tendo sempre em vista a noção de suporte desenvolvida por Chartier, de modo a refletir sobre o processo histórico de transmissão de sentido produzido pelo livro em geral, assim, indagamos: o que é afinal um livro? Como, onde e quando se deu a transmissão (dos textos) por meio dos livros? Quem são os principais agentes? Qual é a importância disso para a produção de sentido do texto?

Parece que um caminho possível para resolver este imbróglio esteja na própria definição de livro, segundo Houssais, trata-se de uma estrutura composta de um conjunto de folhas (impressas ou não) que forma uma espécie de volume, enfim, a discussão flerta basicamente sobre a forma material do objeto e o seu conteúdo, assim, por exemplo, Roger Chartier segue a tônica ao pensar a distinção entre livro impresso e eletrônico:

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas [...] todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.¹⁹

O que mais interessa aqui é perceber que o livro enquanto suporte textual (ao longo do tempo) sofreu diversas mudanças em sua materialidade, portanto, não pode ser cristalizado no tempo. Na Antiguidade, por exemplo, o formato dos livros se dava em grandes rolos de papiro, inclusive, é o que leva Chartier a desconstruir o mito da biblioteca de Alexandria, no Egito, concebida no séc. III a.C., sob o reinado de Ptolomeu II, como uma das maiores bibliotecas de todos os tempos, senão a maior. Contudo:

Em Alexandria, o texto se apresentava ainda sob a forma de rolos. Com mais de quinhentos mil rolos, a biblioteca de Alexandria dispunha, de fato, de um número de obras muito menos significativo, já que uma obra podia ocupar, sozinha, dez, vinte, até trinta rolos. O catálogo da biblioteca era constituído de

¹⁹ Idem ibidem. p. 12.

*cento e vinte rolos. É possível imaginar as operações manuais que a busca do universal exigia.*²⁰

É evidente que o propósito em apresentar um tipo tão discrepante de livro, pelo menos em relação aos dias de hoje, serve para demonstrar a participação do suporte na construção de sentido da leitura, ainda, no que toca aos livros em rolos, vale ressaltar o uso permanente das mãos para o manuseio, inviabilizando, com isso, a leitura e a escrita concomitantemente. Assim, a leitura em voz alta se apresentava como um recurso necessário à época.

Mas com o esgotamento do papiro e a consequente ascensão do pergaminho em meados do século IV, produziu o surgimento e a ampliação de novos textos, Dom Evaristo, em seu trabalho de doutorado “A técnica do Livro Segundo São Jerônimo”,²¹ chega a dizer que não apenas a bíblia, mas outros escritos foram muito privilegiados com a predominância do pergaminho, deste modo, a utilização do papiro passou a representar sinal de grande poder em razão dos altos custos, o que nem de longe significa que os custos do pergaminho fossem populares.

Somente após a introdução do papel produzido na China e difundido para a Europa no contexto do Renascimento foi possível angariar custos mais acessíveis:

*Apesar das resistências os chineses introduziram fábricas de papel em países orientais, e os árabes conseguiram fazer intermediação do produto com países europeus como Espanha, Itália, França, Inglaterra e Holanda, daí para a chegada do papel no ocidente foi um pulo. Muitos desses países construíram seus próprios moinhos para a fabricação do papel, tornando este material um símbolo da era Renascentista.*²²

Outro importante evento que seguramente reduziu os custos do livro foi a invenção da prensa por Gutenberg:

Em meados da década de 1450, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, e de repente uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita. O custo do livro diminui, através da distribuição das despesas pela totalidade da tiragem, muito modesta aliás, entre mil e mil e quinhentos exemplares. Analogamente, o

²⁰ Idem ibidem. p. 118.

²¹ ARNS, Dom Paulo Evaristo. A Técnica do Livro Segundo Jerônimo, São Paulo: Cosac & Naify, 2007. p. 27.

²² FERREIRA, Maria. A evolução do livro: do papiro ao iPad. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (trabalho de conclusão de curso). Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/1/92/1/MariaTRSF_Monografia.pdf> Acesso: 03/03/2018. 2010. p. 14.

*tempo de reprodução do texto é reduzido graças ao trabalho da oficina tipográfica.*²³

Apesar de toda a transformação oriunda da prensa, é preciso enfatizar que os manuscritos não saíram de cena da noite para o dia, pois, tal como lembrou Chartier, os manuscritos foram muito utilizados para propagar textos proibidos, assim também muitas características em relação ao formato dos códices permaneceram até a modernidade, quando despojavam de todo aparato industrial as editoras prosseguiram com formatos bastante semelhantes.

No que se refere à modernidade, mais especificamente aos livros que se notabilizaram na época, graças ao aparecimento do conceito de autoria no sentido de propriedade, Foucault, de acordo com Chartier, ressalta que isso só foi possível depois que a obra passou a ser reconhecida pelo caráter original, isto é, após o período conhecido como medieval.

Ou melhor, Foucault, acredita que o principal indício de autoria se dá no início do século XVI, quando, levantam-se as primeiras perseguições causadas por motivos políticos ou religiosos, deste modo, os agentes designados às perseguições são considerados os primeiros autores e enquanto tais responderam diretamente pelas suas obras.

*Ele [Foucault] evocava, por exemplo, esses textos do início da era moderna que, por transgredirem a ortodoxia política ou religiosa, eram censurados e perseguidos. Para identificar e condenar aqueles que eram seus responsáveis, era necessário designá-los como autores. As primeiras ocorrências sistemáticas e ordenadas alfabeticamente de nomes de autores proibidos, estabelecidos no século XVI pelas diferentes faculdades de teologia e pelo papado, e depois nas condenações dos Parlamentos e nas censuras dos Estados.*²⁴

A partir daí, a regra para a promoção social do escritor estava reduzida às benesses aristocráticas, segundo Chartier, cargos, postos e patrocínios, foram reiteradamente distribuídos como recompensa do trabalho feito por encomenda sob

²³ CHARTIER, Roger. Op. cit., p. 7.

²⁴ Idem, p. 34.

diretrizes previamente definidas, assim, também se consolidaram as respectivas dedicatórias.

No entanto, o ponto de virada da autoria se deu no século XVIII, com a profissionalização dos escritores, que deixaram a condição de sujeição para exercerem autonomia no mercado, particularmente através dos livreiros-editores (categoria que se profissionalizou, concomitantemente), desta maneira, ergue-se o caráter do período moderno:

Em seguida, quando a ideia do mérito do autor prevalece sobre a proteção do príncipe, o equilíbrio muda. Sobretudo, adquire mais importância a dimensão do mercado, do público, do leitor: o que se traduz, na página de título, pela presença da marca do livreiro-editor, às vezes do endereço em que se pode encontrar o livro, e, nas preliminares, pela existência das notas ao leitor. É esta dualidade que caracteriza bem ingresso do autor na idade moderna.²⁵

Na Inglaterra deste período, os livros possuíam custos bastante elevados, o que restringiu em grandes proporções o perfil do público leitor,²⁶ além do mais, havia um índice significativo de analfabetismo, muito em decorrência da enxuta política educacional que só começou a garantir o ensino como direito em meados do século XIX, com o surgimento das primeiras leis, que impuseram um tempo específico para as crianças estudarem.

De qualquer modo, é importante destacar que uma parte da classe trabalhadora não tinha sequer condições de comprar um jornal, segundo Watt em “*A ascensão do romance*”, “Francis Place achava que no século XVIII a única diversão da classe trabalhadora era beber, e cabe lembrar que o preço do gim tornava a embriaguez mais barata que a leitura de um jornal”, ao mesmo tempo, outra parte de leitores pobres e de classe média acompanhava a leitura semanal dos jornais,²⁷ assim, entraram em contato com os primeiros romances publicados periodicamente em folhetim.²⁸ De acordo ainda

²⁵ Idem, p. 41.

²⁶ Além do alto preço dos livros e do elevado analfabetismo, a péssima iluminação e a superlotação das casas também influenciaram para o baixo número de leitores do período.

²⁷ O público que mais consumia esta arte pertencia ao espaço privado, eram as mulheres de classe alta e média.

²⁸ A propósito, o romance *Oliver Twist* foi publicado primeiramente em versão folhetim (1837) pela revista *Bentley's Miscellany*, e posteriormente em livro (1838).

com Ian Watt, após a expansão das bibliotecas públicas em 1740, torna-se evidente a relevância do romance:

A maioria das bibliotecas circulantes continha todo tipo de literatura, porém o romance constituía a principal atração e sem dúvida foi o gênero que mais contribuiu para ampliar o público leitor de ficção ao longo do século. Foi também a forma literária que suscitou o maior volume de comentários contemporâneos sobre a extensão da leitura às classes inferiores [...] Assim, é provável que até 1740 o alto preço dos livros impedisse que uma parcela substancial do público leitor tivesse participação integral na vida literária e que essa parcela se compusesse basicamente de possíveis leitores de romance, muitos dos quais seriam mulheres.²⁹

Desta maneira, o texto literário, particularmente o romance, passou a ganhar espaço por meio das bibliotecas, ou através das adaptações oriundas de outros recursos. Esse fato corroborou, em meados do século XIX, para a grande popularidade de Charles Dickens, assim, segundo Daniel Puglia, ricos e pobres, crianças e idosos, autoridades e pessoas comuns desfrutaram – direta ou indiretamente – das volumosas questões debatidas pelo literato inglês.

Além do mais, o êxito do romance contou com uma nova mentalidade conduzida por pensadores como John Locke e René Descartes, que, entre outras coisas, pautaram a questão da individualidade como modo de perceber o mundo, o que destoava da tradição universalista que os procederam, desta forma, o romance, enquanto gênero textual moderno, também se distinguiu da tradição:

Entretanto a ausência de convenções formais no romance não tem importância diante de sua recusa aos enredos tradicionais. Evidentemente o enredo não é uma coisa simples e nunca é fácil determinar o grau de sua originalidade; todavia a comparação entre o romance e as formas literárias anteriores revela uma diferença importante: Defoe e Richardson são os primeiros grandes escritores ingleses que não extraíram seus enredos da mitologia, da História, da lenda ou de outras fontes literárias do passado. Nisso diferem de Chaucer, Spencer, Shakespeare e Milton, por exemplo, que, como os escritores gregos e romanos, em geral utilizavam a premissa comum de sua época segundo a qual, sendo a natureza essencialmente completa e imutável, seus relatos – bíblicos, lendários ou históricos – constituem um repertório definitivo da experiência humana.³⁰

²⁹ WATT, Ian. *A Ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 41.

³⁰ Idem *ibidem*, p. 15.

Na verdade, o tema geralmente discutido pelo romance se associa à vida cotidiana do período, o que atrai em grande medida o interesse do público, Dickens, por exemplo, evidencia as contradições oriundas da Inglaterra vitoriana, de tal sorte que os tópicos da delinquência e do trabalho infantil que aparecem em *Oliver Twist* constituíam a sociedade da época. Sandra Vasconcelos, em “*A formação do romance inglês*”, parece ter ido mais longe no tocante a atribuição do romance:

Fruto de ideais iluministas, o romance surgiu na cena literária como expressão artística de um espírito democrático e, ainda que sua maleabilidade lhe tenha permitido acolher uma multiplicidade de vozes e valores morais, ele serviu sobretudo para exprimir uma certa visão de sociedade que os romancistas procuraram traduzir em termos artísticos. Nesse sentido, o novo gênero não se limitou a refletir os valores de seu tempo, mas ajudou a criá-los, ou, para dizer de outro modo, os romances foram “instrumentos que [contribuíram] para construir os interesses sociais mais do que as lentes que os [refletiam]”.³¹

Em outras palavras, mais do que produto, o romance também produz história por meio do seu discurso ideológico. Assim sendo, discutiremos no decorrer desta reflexão o caso específico do “judeu” em *Oliver Twist*, isto é, se o uso do termo foi consequência do contexto vitoriano ou “ação de fala” do escritor, a fim de construir valores morais e ideológicos.

O próximo capítulo, a propósito, foi dividido em três partes: 1) pretendemos acompanhar o contexto histórico da vida do escritor Charles Dickens; 2) bem como o contexto da obra em estudo; 3) Por fim, faremos uma breve apresentação sobre o judaísmo, com o objetivo de introduzir o termo “judeu” designado ao personagem Fagin em *Oliver Twist*.

³¹ VASCONCELOS, Sandra. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Hucitec. 2007, p.23.

2. Charles Dickens: Vida e obra

*"[A] Inglaterra [é um] estranho país onde
ovelhas devoram homens."*

Paulo Micelli

Charles Dickens: Um reformador liberal

Charles John Huffam Dickens, conhecido simplesmente como Charles Dickens (Landport, Portsmouth, 7 de fevereiro de 1812 — Gravesham, Kent, 9 de junho de 1870) foi um dos mais importantes escritores da era vitoriana que, ao lado de Emily Brontë, George Eliot e Lewis Carroll, constituiu o cânone literário inglês do século XIX, e, como principal característica, problematizou questões referentes à sociedade, à moral e aos bons costumes em uma época – como veremos adiante – marcada pela hipocrisia social.

Partindo desse princípio, procuramos compreender as contradições e os conflitos inerentes à época em que germinou aquele que se tornaria um dos mais populares escritores de todos os tempos, cuja infância foi assinalada pela prisão do pai,³² provocada por dívidas, e pela consequente transferência da família para a prisão.³³ Inclusive, a respeito desta problemática, o autor dedicou uma parte bastante razoável de toda a sua obra:

[...] não se viam mais que credores, carregando os últimos móveis. Unicamente se ouviam injúrias. Por fim, Mr. Dickens foi detido e levado, por dívidas, para a prisão de Marshalsea [...] Logo faltou com que pagar o senhorio, e então, toda a família – mãe e filhos – foi viver na prisão por dívidas, pois nessa extraordinária prisão podia-se alugar quartos para neles alojar a família [...] Charles foi o único que não viveu nela, a fim de obter alguns recursos para os seus. Morava num minúsculo quarto. Durante a semana, trabalha na fábrica de betume; no domingo, ia passar o dia com sua família, na prisão.³⁴

É muito comum encontrarmos referências sobre prisão por dívida da Inglaterra na época tratada aqui – como a lei dos devedores – o que tão somente seria abolida em

³² Como previa a *lei dos devedores insolventes*, aprovada pelo parlamento inglês em 1813.

³³ MAUROIS, André. Op. cit. p. 6.

³⁴ Id. Ibid., p. 8.

1869,³⁵ no final da vida do nosso ilustre autor – por meio da “lei dos devedores”, aprovada pelo parlamento do reino da Rainha Vitória, após muita luta da classe trabalhadora que sofria na pele de maneira atroz as sequelas de uma prisão altamente moral.³⁶

Assim, emergiu uma dura realidade para a criança de aproximadamente dez anos, na qual precisou interromper os estudos para trabalhar como engraxate, em seguida, trabalhou numa fábrica de betume – período, aliás, em que a família se recupera financeiramente graças à descoberta de uma herança materna, pouco discutida nos trabalhos em português, fato que resultou na libertação do pai.

Nem por isso Dickens alcançou a tão esperada “felicidade”, pois logo ao voltar à escola, sofreria diversos maus tratos. Segundo Maurois, não tardou para a criança retornar ao trabalho, desta feita, como aprendiz de um procurador judicial e depois como repórter.

Este último ofício lhe proporcionou uma compreensão crítica acerca da Inglaterra, de acordo com Gustavo Pontes “este repórter [Dickens] ganhava a vida cobrindo a Câmara dos Comuns do Parlamento Inglês”, de tal modo que, será utilizado em larga escala em sua produção literária.³⁷ Malgrado isso, longe de ser uma mera coincidência, vemos um elo da temporalidade simétrica entre vida e obra. Portanto, podemos dizer que a Londres de Dickens, em especial, aponta em parte para as contradições expressas em seus romances, posto que:

[Os paradoxos] foram vistos por olhos de crianças, isto é, olhos recém abertos e deformadores. Londres de Dickens estará povoada de truões, de ladrões, tal como os pode imaginar um menino inquieto e solitário que passeia

³⁵ GRISNARD FILHO, Waldyr. *O Futuro da Prisão Civil do devedor de Alimentos*: Caminhos e Alternativas. São Paulo: Repertório IOB de Jurisprudência: Civil, Processual, Penal e Comercial, n. 17. Disponível em: <<http://sisnet.aduaneiras.com.br/lex/doutrinas/arquivos/090407.pdf>>. Acesso: 01/04/2018. 1. quin. set. 2015.

³⁶ BEZERRA, Sávio. *A prisão civil no Direito Internacional dos Direitos Humanos*. THEMIS (periódico), V. 7, nº 1. Jan./jul. 2009. pp. 309-338. Disponível em: <https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/50917/pris%c3%a3o_civil_direito_bezerra.pdf> Acesso: 01/04/2018.

³⁷ PONTES, G. T. O olhar crítico de Charles Dickens sobre Londres do Século XIX. In: Anais do XI Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre: EDIPUCRS. v. 9. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/40.pdf>>. Acesso: 01/04/2018. 2011. pp. 844-852

*numa noite chuvosa. Seu melodrama conservará até o fim o tom um pouco pueril de um Guigol trágico, pois em Dickens substituirá sempre a dupla característica de ser um homem que viu muito e de ser um homem que viu com olhos de criança.*³⁸

É talvez pela impetuosidade de uma lógica opressora na qual foi vítima que o tema da infância aparece de forma tão marcante em sua obra, pois como bem observaram Edina M. Mecca & Maria Paula Brock, a noção de “infância” surge a partir do século XVIII, com a grande contribuição das teses (pioneiras) de Jean-Jacques Rousseau, que, entre outras coisas, apostava na inocência, ou melhor dizendo na “pureza” da infância em detrimento da corrupção da sociedade.³⁹

Inglaterra: segunda metade do século XIX

A lógica que enredava o contexto inglês da segunda metade do século XIX foi assinalada pelos avanços urbanos e tecnológicos, oriundos daquilo a que nós chamamos hoje de Revolução Industrial, ao mesmo tempo, produziu uma desigualdade social sem precedentes, capaz de justapor luz e sombra, prazer e dor, riqueza e miséria pelos centros urbanos.⁴⁰

Isto se explica porque o modo de produção familiar na Inglaterra – calcado na agricultura de subsistência –, segundo José Arruda,⁴¹ se transforma de maneira lenta e gradual no modo de produção capitalista.⁴² Segundo o autor, o processo de transição se deu particularmente entre os séculos XVI e XVIII, quando uma parcela de arrendatários capitalistas (da cidade) investiram no campo, a fim de centralizar e intensificar a exploração do pasto (de ovinos) em prol do lucro gerado a partir da produção de lã.

³⁸ Id. Ibid., p. 11

³⁹ MECCA, Edina; BROCK, Maria. *A infância retratada por Dickens, Twin e Burnett*. Erechim: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (trabalho de conclusão de curso). Disponível em: <<http://selesselm.upf.br/download/artigos-2010/le-edina-mecca-e-maria-brock.pdf>>. Acesso: 01/04/2018.

⁴⁰ Sensação bem representada em *Oliver Twist*, quando este foge para a cidade e encontra pequenos ladrões.

⁴¹ ARRUDA, José. *A Grande Revolução Inglesa, 1640-1780*. São Paulo: FFLCH/USP, 1996.

⁴² Sobre isso, Raymond Williams nos lembra de que no contexto da nova lógica capitalista surgem poemas (como os de Robert Herrick) de resistência ao novo regime que idealizavam a estrutura feudal para sobrepor a nova era.

Para tanto, estabeleceram-se políticas de confiscos e cercamentos de terras, ambas com o objetivo de converter lotes de terras comuns de caráter feudal em propriedades mercantis. Não obstante, tal medida foi relativizada pelo intervencionismo social da monarquia:

*O ritmo dos cercamentos se desacelera na segunda metade do século XVI, mas jamais se interrompeu de todo durante o século XVII. A posição da monarquia inglesa, entretanto, continuava a ser fator impeditivo do avanço dos cercamentos e, nessa medida, um elemento que entrava o avanço do capitalismo na Inglaterra.*⁴³

Nessa perspectiva, Raymond Williams sugere que o desmatamento do plantio, bem como a expropriação (de terras) camponesa provocada pela pastagem (devemos lembrar que esses avanços ocorreram muito em virtude das novas invenções tecnológicas que aceleraram e mecanizaram a produção) é produto direto da nova ordem do mercado capitalista derivado da Revolução Industrial:

*As matas estavam sendo derrubadas, para obter lenha e madeira de construção, e para abrir pastos, e a necessidade de aumentar a área de pastagem, com o crescimento do comércio de lã, levou a grandes cercamentos, à destruição de muitas aldeias aráveis e ao rápido surgimento de novos tipos de proprietário rural capitalista.*⁴⁴

Em consequência disso, nasce a figura do proletário – classe desprovida dos meios de produção – delineado por Friedrich Engels em “*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*” como aquele que valendo-se da sua força de trabalho dependia apenas do salário para sobreviver,⁴⁵ desse modo, muitos dos trabalhadores repelidos pelo campo tentaram a sorte na cidade:

Já observamos que o proletariado nasce com a introdução das máquinas. A veloz expansão da indústria determinou a demanda de mais braços; os salários aumentaram e, em consequência, batalhões de trabalhadores das regiões agrícolas emigraram para as cidades – a população

⁴³ Id. Ibid., p. 20.

⁴⁴ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia de Bolso. 2011, p. 71.

⁴⁵ ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo. 2010, p. 48.

*creceu rapidamente e quase todo o acréscimo ocorreu na classe dos proletários.*⁴⁶

De acordo com os levantamentos de Viviane Cárdenas, há um notável declínio na expectativa de vida das cidades industriais, entre 1820 e 1850,⁴⁷ fato que imediatamente sugere o custo da migração no bojo da falta de planejamento:

*A capital, cidade gigante da Europa [Londres] já na aurora do século, constitui então uma megalópole, avançando em todas as direções, graças a um desenvolvimento dos transportes que rasga os velhos bairros e favorece o adensamento do espaço municipal e o nascimento dos grandes subúrbios-dormitórios; a população dobra em trinta anos e triplica durante o período. A cidade cresce sem nenhum plano de conjunto, sem que exista sequer uma autoridade municipal única. O departamento metropolitano de obras públicas torna-se uma realidade nos anos 1850, precisamente porque a anarquia acarreta a incapacidade de administrar os problemas elementares de higiene pública, da drenagem do rio ao recolhimento do lixo ou à adução de água.*⁴⁸

Nesse contexto de grande e rápido crescimento industrial destaca-se ainda a produção de ferro e carvão, além, é claro, dos tecidos, enquanto a primeira permitiu o desenvolvimento das redes de estradas,⁴⁹ como também de pilastras, pregos e outras coisas,⁵⁰ a outra viabilizou a mecanização do tear e a prosperidade da máquina a vapor. O conjunto de todos estes fatores proporcionou o progresso técnico-econômico da Revolução:

[...] o Reino Unido obteve uma vantagem de cinquenta anos, graças à sua precoce revolução industrial em todos os setores da metalurgia, da indústria têxtil, da mecânica, do transporte ferroviário. Mãe das invenções, domínio do rei-algodão e da máquina a vapor, local da introdução mais precoce e mais geral da estrada de ferro, a Inglaterra, espionada, invejada ou... digna de lástima em razão dos sofrimentos sociais da primeira idade industrial.⁵¹

⁴⁶ Id. Ibid. p. 59.

⁴⁷ CÁRDENAS, Viviane. *Dickens e a era vitoriana: Ascensão da Indústria, declínio do homem*.

Disponível em:

<<http://www.edufrn.ufrn.br/bitstream/123456789/429/1/DICKENS%20E%20A%20ERA%20VITORIANA-ASCENS%C3%83O%20DA%20IND%C3%9ASTRIA%20DECL%C3%8DNIO%20DO%20HOMEM.pdf>>. Acesso: 15/04/2018.

⁴⁸ CHARLOT, Monica & MARX, Roland. (Orgs) Londres, 1851-1901: *A era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. In: ____ A sociedade “dual” por excelência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 13.

⁴⁹ De tal sorte que proporcionou um supra-adensamento populacional, principalmente, em virtude da oferta de trabalho.

⁵⁰ ENGELS, F. Op. cit., p. 54.

⁵¹ CHARLOT, Monica & MARX, Roland. (Orgs) Londres, 1851-1901: *A era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. In: ____ A grandiosidade britânica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 24.

Em outro momento da reflexão bibliográfica acerca deste período nos deparamos com expressões como: “A cidade gigante da Europa”, mas também, “A cidade mais fétida da Europa”, “Roma Moderna”, “O sistema digestivo da metrópole”, “Londres civilizada”, “Sociedade dual”, “A outra Inglaterra”, daí, seguem outras expressões capazes de expor o dualismo produzido por uma economia tipicamente capitalista.

Assim sendo, na proporção em que crescia do ponto de vista econômico, declinava do social – ao menos, é assim que Thompson apresenta a questão, em sua clássica obra *“A Formação da Classe Operária Inglesa”*, quando analisa o padrão de vida da classe trabalhadora a partir de quatro pontos referenciais: consumo, moradia, vida e infância.⁵²

No primeiro destaca a redução do consumo – pela classe trabalhadora – de carne, trigo, cerveja e outros produtos, em virtude dos altos preços. No segundo momento enfatiza a falta de planejamento em relação à habitação das vilas operárias com problemas de abastecimento, saneamento superlotação e sanitários:

*Nas vilas [operárias], a água de um poço próximo ao cemitério podia ser impura, mas, pelo menos, seus habitantes não tinham de se levantar à noite para entrar numa fila diante da única bica que servia a várias ruas, nem tinham de pagar por ela. Os habitantes das cidades industriais tinham frequentemente de suportar o mau cheiro do lixo industrial e do esgoto a céu aberto, enquanto seus filhos brincavam entre detritos e montes de esterco. Na verdade, alguns desses fatos persistem ainda hoje, no panorama industrial no norte e da região central da Inglaterra.*⁵³

Em diálogo com os outros pontos, o terceiro evidencia os vínculos entre trabalho e a baixa expectativa (útil) de vida dos trabalhadores, e, por fim, aponta as mazelas do trabalho infantil, mormente quando se tratava de crianças abandonadas. Neste contexto, se projeta a trama de *Oliver Twist*, que ainda cedo [criança] entra no mundo do trabalho, como aprendiz na confecção de caixões – período de grande mortalidade – a propósito, isso permitiu o êxito do negócio.

⁵² THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 1987. V.2 p. 179-224.

⁵³ Id. *Ibid.*, p. 185.

Diante deste quadro desolador, seria importante destacar o alto índice de desemprego causado pela aglomeração de pessoas (mão de obra),⁵⁴ ou ainda pela debilitação física de jovens e adultos (alvejados pelo cotidiano de trabalhos exaustivos), motivos pelo qual o trabalho infantil permaneceu essencial (como foi na produção doméstica) à economia (suprindo as lacunas do desemprego de jovens e adultos), Thompson retoma este debate para dizer que as crianças só recentemente foram libertadas pela escola.⁵⁵

Assim, também, pode-se dizer que o desemprego atrelado às desigualdades sociais – como já discutimos no texto – produziu a marginalidade mais horrenda de Londres:

*Os bairros pobres de Marselha, Antuérpia, Paris, não são nada comparados aos de Londres, com seus “mendigos, ladrões e prostitutas”. Nas escadas que conduzem ao Tâmbisa formigam moleques de rua “mais raquíticos, mais pálidos, mais deformados, mais repugnantes do que os bandidos de Paris”. É nesses bairros que se encontram famílias “sem outro leito a não ser um monte de lixo, dormem ali por vários meses. Para uma criatura assim acabada e esgotada, só há um refúgio: a embriaguez”.*⁵⁶

No entanto, tal exclusão gerada pela má distribuição de renda foi seguramente assimilada pela égide da moral vitoriana, que classificava a pobreza como produto do vício e da preguiça alheia, fatores que condenavam grupos marginalizados em detrimento da virtude de uma elite burguesa – a qual sequer ajudava os carentes por considerá-los desprezíveis.⁵⁷

De igual maneira, valorizavam princípios puritanos relacionados à fé e a família, de tal modo que:

[...] nunca se exaltou tanto o lar, o papel “angélico” da mãe, verdadeira “madona”, [ao passo que] raramente se denunciou com mais violência [...] a vergonha da prostituição e dos males que ela causa [à

⁵⁴ Pessoas que se aventuraram nas cidades (industriais), a fim de trabalhar nas novas fábricas, no entanto, a procura foi seguramente maior do que a oferta.

⁵⁵ Desta maneira, Maria Cristina Gouvêa destaca em “*Escola Compulsória inglesa: história e historiografia*” que a redução das crianças em situações congêneres (de trabalho e abandono), ocorre muito em virtude das (tardias) políticas que implantaram a obrigatoriedade da escola no final do século XIX: 1) Em 1843, foi promulgada a lei *Factory Law*, que obrigava toda a fábrica a conceder 3 horas para as crianças de até 10 anos se instruírem; 2) Em 1870, é aprovada a *Education Act de 1870*, que obrigava e ampliava a todos os cidadãos a oferta de instrução escolar; 3) Em 1891, a escola se torna gratuita; mas somente em 1911, a legislação proíbe o trabalho das crianças de até 14 anos.

⁵⁶ CHARLOT, Monica & MARX, Roland. (Orgs) Op. cit. p. 45.

⁵⁷ Idem ibidem. p. 16.

*família], e, embora a “amizade viril” seja ainda apreciada, nunca se estigmatizou tanto o comportamento público dos homossexuais e se infligiu aos culpados penas tão severas que causaram completas desonra social.*⁵⁸

Nesse sentido, a prostituição, bem como o homossexualismo afrontavam o ideal tradicional de família (burguesa), razão pela qual foram duramente atacadas no plano da moral, mas nem por isso impediram o advento da promiscuidade sexual dada no cair da noite.

Segundo Maria Stella Bresciani:

*A atividade do olhar se torna mais difícil quando ao cair da noite a multidão se adensa tornando-se insondável. Quanto mais numerosos os homens, mais profunda se torna a sombra. Nessas regiões escuras, a multidão realiza o cotidianamente renovado espetáculo da promiscuidade, da agressão; em suma, todo o perigo pressuposto como presença em repouso, durante o dia, põe-se de tocaia em cada reentrância da rua, em todos os becos mal iluminados. Para os contemporâneos, na noite, sob a luz dos lampiões, a multidão assume a imagem acabada de alguma coisa obscura e inextricável. São apenas perceptíveis vozes, sussurros, vultos, olhares, passos.*⁵⁹

Diante das contradições entre o instinto (noite) e a razão (dia) do homem vitoriano aparece o lado mais sombrio da hipocrisia da época, a exemplo disso temos a transfiguração da rígida compostura do marido durante o dia (fiel e mantenedor), contrapondo-se à devassidão proporcionada pelas noites, Mônica Charlot & Roland Marx, lembram que graças aos prazeres condenáveis da noite, surgiram pais tão respeitáveis durante o dia.

Desta forma, pretende-se, com isso, enfatizar que a era vitoriana de que Charles Dickens foi ilustre sujeito ficou marcada pela hipocrisia de seus valores. Londres, neste ínterim, situa-se como a capital da prostituição, fato de que muito destoava dos princípios puritanos.

A partir daí, precisamos compreender o papel do literato (em análise) em meio a esse contexto, Daniel Puglia em “*Charles Dickens: Um escritor no centro do*

⁵⁸ Idem ibidem. p. 16.

⁵⁹ BRESCIANI, Stella. Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 14.

capitalismo”,⁶⁰ ressalta que mais do que uma função estética, o romance possui uma função social – motivo pelo qual é possível perceber em suas obras o espectro reformista que por vezes se opôs ao próprio sistema vigente do período.

Em *Oliver Twist* cruzamos com questões sobre violência, desigualdade social, trabalho infantil, hipocrisia, marginalidade, entre outros fatores, consequências socioeconômicas oriundas da própria era vitoriana – como já retratamos neste capítulo – desta forma, Dickens faz por meio de sua obra (totalidade) um convite à reflexão crítica:

*Enquanto Dickens estava escrevendo, a ênfase do utilitarismo era um composto de racionalismo e laissez-faire econômico, a despeito da substancial contradição entre a defesa da utilidade geral e a recomendação da não interferência. Noutras palavras, ao mesmo tempo em que era preconizada a mínima ingerência governamental nas ações dos indivíduos, a população miserável era vista como uma ameaça e um estorvo, um possível foco de distúrbio e violência. Nesse contexto, aquilo que pareciam ser ideias contraditórias configurava, de fato, o decisivo e primordial interesse de uma classe. É nesse sentido que, quando atacava tais ideias, Dickens dirigia uma crítica mais geral à predominância da racionalidade prática e da exploração reinantes na sociedade inglesa, as quais, não surpreendentemente, eram as responsáveis diretas por novos tipos de abusos e desigualdades, mesmo quando reformavam antigas distorções.*⁶¹

Se, como parece, Dickens esboça uma séria preocupação no que toca ao seu tempo – sem perder de vista o componente estético –, a exemplo de outros ilustres pensadores, indaga acerca das contradições produzidas pela lógica do capital, mas diferente de Marx – para citar uma grande referência da época – não propôs uma revolução de classe. Antes acreditava, como apontou Daniel Puglia, em uma revolução do espírito humano.

Nesse sentido, o romance *Oliver Twist* está organizado em grandes referências filantrópicas, cujo principal destaque cabe ao protagonista da história “*Oliver Twist*”, que mesmo após sofrer diversos tipos de violência na infância, ou, ainda, após conviver com uma quadrilha especializada em roubos e etc., não obstante, a existência de todos os eventos viciosos não foi suficiente para corromper com a bondade do personagem principal.

⁶⁰ PUGLIA, Daniel. *Charles Dickens: Um escritor no centro do capitalismo*. São Paulo: Universidade de São Paulo (tese de doutoramento). Disponível em: <http://www.spap.fflch.usp.br/sites/spap.fflch.usp.br/files/DLM_DANIEL.PDF> Acesso: 25/06/2018. 2008.

⁶¹ Idem ibidem. p. 14.

O fato parece romper com os desvios acarretados pelo corpo social para sugerir uma meritocracia (vontade) capaz de transcender com todas as forças do meio em que está inserido. Tendo isso em vista, retomamos uma breve passagem do romance para demonstrar a recorrência do sentimento de bondade:

*– Os livros são do meu velho amigo – disse Oliver, torcendo as mãos. – São do bom e generoso homem que me levou para casa e tratou de mim quando eu estava doente; mande-os que lhe peço, mande os livros e o dinheiro; eu fico aqui por toda a minha vida. Se não forem os livros ele pensa que eu os roubei. A velha e todos os que lá me tratam tão bem pensarão que sou um ladrão. Tenham pena de mim!*⁶²

No trecho citado acima, Oliver aparece em uma delicada situação moral, pois mesmo após ser sequestrado – pela quadrilha de ladrões – mantém a terna preocupação em não parecer desonesto para o “velho amigo”, para tanto, propõe a privação da própria liberdade para atingir este objetivo, o que de pronto demonstra a retribuição da sua bondade.

Outra característica importante de Dickens refere-se ao destaque dado à dramatização da vida urbana, causada, como já vimos, principalmente pelas discrepâncias sociais. Raymond Williams chega a sugerir que tanto o aspecto moral, quanto o social, são recorrentemente dramatizados por Dickens, entretanto, parece haver um corte profundo no caso do personagem Fagin, basicamente reduzido à condição de velho, ladrão e judeu.

Esta última adjetivação instigou a presente pesquisa, que, em última análise, procura compreender a figura do judeu na obra *Oliver Twist*. Pretende-se, inicialmente, fazer um breve panorama sobre a história geral do judaísmo, o que nem de longe parece tarefa simples, já que isso, necessariamente, implica em trazer à tona experiências de outros povos em virtude das históricas dispersões judaicas.

Breve História do judaísmo

O historiador norte-americano Salon Baron, explica que a dispersão se deu em dois grandes momentos (históricos).⁶³ O primeiro (Primeira Diáspora), datado de 586

⁶² DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Hedra. 2002, p. 160.

⁶³ BARON, Salon. *História e Historiografia do povo judeu*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

a.C., resulta das ofensivas militares causadas pelo Império babilônico à Jerusalém (especialmente no Primeiro Templo, Reino de Judá).⁶⁴

Segundo o autor, antes mesmo da derrocada do Reino de Judá havia muitos judeus exilados na Babilônia – em virtude das batalhas na palestina em 597 a.C –, liderada por Nabucodonosor II.

Antes, porém, de 733 a 719 a.C, com as conquistas assírias sob o Reino de Judá, surgiram campanhas de dispersão das comunidades judaicas para as diferentes regiões da Mesopotâmia:

Da mesma forma, as provavelmente amplas e combativas comunidades de deportados israelitas transferidas em massa pelos conquistadores assírios para diversos distritos na Mesopotâmia, entre os anos 733 e 719, ou os pretensos 200150 exilados judeus levados por Senaqueribe durante sua campanha de 701, são dificilmente mencionados pelos autores bíblicos após sua partida do país.⁶⁵

Nesse momento, longe do seu principal monumento religioso, isto é, do Templo de Jerusalém – seja em virtude da dispersão ou da destruição do mesmo –, a comunidade judaica encontrou por meio da sinagoga um espaço de culto independente de quaisquer construções materiais:

A sinagoga tornou-se assim uma das mais importantes e revolucionárias instituições na história da religião. Mais do que estar ligada a uma localidade sagrada particular e dependente de um sacerdócio carismático, esta nova casa de adoração – que não necessitava de uma construção, pois os fiéis podiam encontrar-se numa catacumba ou no campo aberto – tornou-se a instituição universal e igualitária que podia acompanhar os judeus dispersos onde quer que viessem a estabelecer-se. Quaisquer dez adultos (homens) judeus, reunindo-se em qualquer lugar e dirigidos por qualquer membro, constituem a Sinagogé, a verdadeira assembleia do Senhor.⁶⁶

Vemos que a adaptação da religião à condição de exílio foi um importante elemento para a sua sobrevivência em diversos lugares, de modo que, logo após a queda da Babilônia em 539 a.C, uma parte bastante significativa dos judeus exilados contando com o apoio persa para retornarem a Jerusalém, onde na época empreenderam a

⁶⁴ De acordo com Baron antes mesmo da derrocada do Reino de Judá haviam muitos judeus exilados na Babilônia em virtude da campanha palestina em 597 a.C., liderada por Nabucodonosor II.

⁶⁵ Idem, p. 107.

⁶⁶ Idem, p. 108.

reconstrução do Segundo Templo de Jerusalém, que, a propósito perdurou até o ano 70 d.C.

Tratava-se de um período versado pela hegemonia romana e, mais precisamente, pelas forças imperiais conduzidas por Tito Flávio César Vespasiano (79 -81 d.C), filho de Tito Vespasiano (69 -79 d.C). Segundo Ivan Rocha, o domínio romano sobre a Palestina se fez em 62 a.C ⁶⁷, sendo que o período entre 37 a.C e 4 d.C – governado por Herodes – denotou um grande declínio para a Palestina (província romana), muito em razão das altas taxas cobradas para a manutenção do Templo de Jerusalém, como também para o próprio Império, só que ao invés disso cresciam as dívidas:

*[...] o território [cultivado pelos judeus] era seco e coberto de pedras. Os proprietários das melhores terras eram os descendentes da casa real. A improdutividade da terra da maioria a levava a endividar-se. Nesse momento multiplicavam-se as práticas de empréstimos a juros. Os pequenos agricultores eram os mais atingidos pela improdutividade e pelas cobranças de taxas, quer por parte do Templo de Jerusalém quer por parte dos romanos.*⁶⁸

Em função disso, as relações entre Império e província se estreitaram, dando vazão para revoltas de caráter social, o que explica em grande medida a sublevação entre judeus e romanos na Palestina de 66 a 73 d.C., fato que, entre outras coisas, acabou com a destruição do Segundo Templo de Jerusalém, daí, se deu a segunda grande dispersão do povo judeu (Segunda Diáspora). Com isso, advém o outro momento do processo mencionado por Baron –, ainda de acordo com Baron, o retorno às “terras (sagradas) de Israel” se colocava como um dos principais objetivos da “peregrinação” judaica, (que só chegou ao fim com a formação do Estado de Israel em 1948).

No período entre o século V e XV, que, a historiografia tradicional convencionou chamar de medieval, emergiu outro grande momento de luta, perseguição e massacres contra o povo judeu, segundo a historiadora Karen Armstrong,⁶⁹ referia-se às Cruzadas – liderada inicialmente pelo Papa Urbano II –, que, por seu turno, se caracterizou como um

⁶⁷ ROCHA, Ivan Esperança. *Dominadores e dominados* na Palestina do século I. In: História [online]. V. 23, n. 1-2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742004000200012&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 08/08/2018. 2004.

⁶⁸ Idem, p. 247

⁶⁹ ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém: uma cidade, três religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 314-317.

movimento de ordem cristã, com o objetivo de libertar a Tumba de Cristo em Jerusalém dos domínios de infiéis, isto é, de muçulmanos e judeus.⁷⁰

De acordo com tais observações, Baron que acrescenta:

*A época das Cruzadas inundou o mundo ocidental com tamanha onda de fanatismo religioso, combinado com a devoção ao martírio próprio pelo ideal, que os judeus em ambas as partes do mundo estavam destinados a sofrer. A história dos massacres de judeus pelos cruzados cristãos é bem conhecida desde há muito.*⁷¹

Apesar da hecatombe religiosa, particularmente em relação aos judeus, que se estendeu durante parte significativa do período medieval, não podemos incorrer no erro de imputar conceitos e definições com o viés de generalizar processos históricos, para tanto, nos valem das reflexões de Elisabeth Roudinesco⁷² que, ao retomar implicitamente o raciocínio de Hannah Arendt, quando diferiu o conceito de antijudaísmo e anti-semitismo, explica que:

*O antijudaísmo cristão da época medieval pressupõe, com efeito, o princípio de uma soberania divina – de um Deus único (o monoteísmo) –, ao passo que o antissemitismo, que fará do judeu o espécime de uma “raça” e não mais o adepto de uma aliança divina, ainda que odiosa, repousa na transformação do judeu religioso num judeu identitário, portador de um estigma, ou seja, de um “resto”: a judeidade.*⁷³

A partir do quadro exposto acima, é possível compreender o viés cosmopolita (perseguição, massacres e dispersão) do povo judeu, que precisou se reconstruir permanentemente para sobreviver às diferentes circunstâncias impostas pelo instável cenário internacional, deste modo, entraram em contato com o califado medieval onde desenvolveram largamente o comércio, em especial de escravos, e as finanças, o que foi fundamental para seu êxito econômico.

Outrossim, as cobranças de juros decorrente de empréstimos financeiros resultaram em elevados lucros, fato que serviu de argumento para as críticas de João Calvino, além disso, Baron chama a atenção para o suporte que a religião (judaica) atribuiu ao capitalismo moderno, de certa forma, o mesmo acontece com o protestantismo

⁷⁰ De acordo com Roudinesco os cristãos buscavam a conversão destes “infiéis” à cristandade, ao mesmo tempo, Baron, aponta que muitos destes “infiéis” se auto-imolavam em nome da fé.

⁷¹ BARON, Salon. Op. cit., p. 7.

⁷² ROUDINESCO, Elisabeth. Retorno à questão judaica. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

⁷³ Idem ibidem. p. 17.

que será tema de estudo da monumental obra “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”, de Max Weber.

Tendo isso em vista, podemos dizer que houve uma maior tolerância internacional – se comparado ao período medieval – que, tão logo seria altamente tóxico para a própria comunidade, uma vez que passariam a ser vistos mais como indivíduos do capitalismo do que propriamente integrantes de um grupo, que, ao se notabilizar pela memória – destruição do Primeiro Templo, dispersão, reconstrução do segundo templo, destruição do Segundo Templo, dispersão e etc.⁷⁴ –, sucumbiu ao espírito do capitalismo, desta forma:

*Os perigos do individualismo [capitalista] foram aumentados pelas forças novas, relacionadas com ele, do materialismo na vida. Com o deslocamento da ênfase dos valores tradicionais medievais para a força todo-poderosa do dinheiro como instrumento principal do poder político e da produção, quase todos os caminhos do empreendimento humano foram permeados de um novo espírito de materialismo. Isto não afetou os judeus menos que seus vizinhos.*⁷⁵

No entanto, nem toda comunidade judaica foi contemplada pela ascensão do capitalismo, pelo simples fato de não terem sido integrados na sociedade, a despeito de toda a tolerância (concebida por nações distintas). Em consequência disso, surgiram muitas dificuldades de emprega-los (que também explica o investimento comercial no próprio negócio), motivadas pela discriminação antijudaica, como se pode observar na citação abaixo:

*É de conhecimento comum que os judeus encontram muitas dificuldades para obter emprego em várias grandes corporações, e sua proporção na burocracia industrial e mesmo comercial é bastante inferior à sua proporção na população. Os donos de lojas judeus, em particular, a espinha dorsal da classe média judaica e portanto de todo o povo, defrontam-se hoje com a competição esmagadora da cadeia de lojas, enquanto suas tentativas para desistir de sua independência e tornar-se empregados das cadeias de lojas pode ser prejudicada pela discriminação antijudaica. Isto é verdadeiro até mesmo nos bancos, que são frequentemente considerados um território particularmente judaico. Muitas corporações bancárias neste país [Estados Unidos] e na Inglaterra tem apenas pequena porcentagem de empregados judeus.*⁷⁶

⁷⁴ Idem ibidem, p. 19.

⁷⁵ BARON, op. cit. p. 92.

⁷⁶ Idem ibidem, p. 99.

É bastante provável que a personagem, Fagin, caracterizado como “judeu” na obra *Oliver Twist*, de Charles Dickens – a ser melhor problematizada no terceiro capítulo deste trabalho – tenha passado por tal processo histórico, antes de se tornar marginal nas ruas da cidade de Londres.

Isso acontece na Inglaterra, particularmente porque Oliver Cromwell restabeleceu em 1637 o retorno de judeus em seu país de origem, depois de muitos anos afastados – mais de 350 anos desde que, por meio de um decreto em 1290, Eduardo I expulsou inúmeros judeus. Seja como for, o retorno estava longe de expressar a integração nacional dos mesmos, Baron, por exemplo, traz diversos exemplos acerca deste assunto:

Num caso famoso de um certo Elias de Paz, cujo testamento havia legado 1200 libras a uma Ieshivá, um importante tribunal britânico declarou em 1744 que “tal donativo para a propagação da religião judaica” não podia ser efetivado, “pois esta religião não é reconhecida por lei alguma, mas simplesmente tolerada pela Legislatura”.⁷⁷

É fato que só podemos falar em integração nacional propriamente após o período o qual Hobsbawm consagrou como a era das revoluções (1789 – 1848), isto é, quando emergiram diversas nações “como um corpo de cidadãos” do período liberal, como vemos abaixo:

Na era das revoluções, fazia parte ou cedo se tornaria parte do conceito de nação que esta deveria ser “uma e indivisa”, como na frase francesa. Assim considerada, a “nação” era o corpo de cidadãos cuja soberana coletiva os constituía como um Estado concebido como sua expressão política. Pois, fosse o que fosse uma nação, ela sempre incluiria o elemento da cidadania e da escolha ou participação de massa.⁷⁸

Nesse sentido, ocorre de maneira gradual a emancipação judaica – cada país a seu modo. Na Inglaterra, Baron pontua que os judeus ocupavam por volta da década de 1850 diversos cargos públicos e privados de grande prestígio cidadão: Secretário de Estado, Primeiro Ministro, Conselheiro Privado e etc., pretendia-se, com isso, transformar a sua condição de vida (individual) – política, econômica e etc. –, a fim de atingir a assimilação judaica.

⁷⁷ Idem ibidem, p. 131.

⁷⁸ HOBSBAWM, Eric. Nações e nacionalismo desde 1780. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2004, p. 31.

Em outras palavras, significava dizer que os judeus tiveram que renunciar à própria tradição identitária para incorporar aos valores laicos e nacionais da modernidade, tal cisão ganhou envergadura no século XVIII, quando, de acordo com Roudinesco, triunfou o pensamento iluminista – movimento calcado na razão – de tal sorte que o judeu – assim como outros grupos – ganharia espaço na nação, mas o projeto não vingou, apesar de identificar muitos simpatizantes da assimilação judaica à nação.

Muitos líderes judeus estavam preparados até para aceitar esta formulação. Mas havia um teimoso núcleo de resistência entre as massas, especificamente daqueles países onde o nível cultural era baixo. Parecia fazer sentidos pedir aos judeus que se tornassem franceses, americanos ou alemães. Mas tornar-se letões, lituanos ou ucranianos, nacionalidades que, elas próprias, estavam ainda despertando para o significado de seus destinos nacionais, parecia bastante irrealista. No entanto, o nacionalismo, à medida que se desenvolvia, foi-se tornando cada vez mais exigente e impiedoso. Finalmente, ameaçou destruir não só o povo judeu, mas toda a civilização ocidental.⁷⁹

A partir das ameaças e violências produzidas pelo nacionalismo em decorrência da não assimilação judaica – como vemos acima –, é possível observar uma transformação histórica do conceito “nacionalismo”, pois, assim como Baron, Hobsbawm compreendeu que, se do ponto de vista liberal o nacionalismo estava atrelado ao conceito de liberdade, a partir da década de 1880 emerge um “novo nacionalismo”, que logo se identifica com a opressão, o chauvinismo e a xenofobia.

Desta feita, convém lembrar que a etnicidade, bem como a língua, adquiriram destaque na projeção de teorias de caráter preconceituoso, e que não tardaram a aparecer em estigmas de desprezo contra os judeus como objeto de ensino nas escolas nacionais. Assim, os Estados reformularam a questão judaica contra os judeus.

Isto posto, vemos o desabrochar de um conceito que será melhor discutido na terceira etapa (como veremos adiante), remetemos ao anti-semitismo, o que de fato colocaria fim ao processo de assimilação, visto que sua principal variante consiste na segregação das comunidades judaicas, fato que prontamente justifica suas investidas estatais no campo político, social e cultural.

⁷⁹ BARON, op. cit., p. 154.

Ao traçar um breve panorama histórico a respeito da trajetória dos povos judeus, sem a pretensão de esgotar a complexidade desta problemática, procuramos entender a relação disto com a personagem “Fagin”. Antes, para finalizar, é importante ter em vista que a definição do que é ser judeu ultrapassa em larga medida os liames da religião.

Em realidade, a principal fonte que envereda o debate sobre a origem do (que é ser) judeu está na Bíblia, mais precisamente entre os capítulos de Gênesis 12 e 25, que versam sobre a benção de Abrão após (supostamente) ter escutado o pedido do Senhor de deixar Harã (atualmente, sítio arqueológico no sul da Turquia) para a terra prometida de Canaã (atualmente, corresponde a parte do Estado de Israel):

E farei de ti uma grande nação e te abençoarei, e hei de engrandecer o teu nome; e mostra-te uma benção. E hei de abençoar os que te abençoarem e amaldiçoarei aquele que invocar o mal contra ti, e todas as famílias do solo certamente abençoarão a si mesmas por meio de ti. Em vista disso, Abrão foi como Jeová [Senhor] lhe falara e Ló foi com ele. E Abrão tinha setenta e cinco anos de idade quando saiu de Harã. Abrão tomou, pois, Sarai, sua esposa, e Ló, filho de seu irmão, e todos os bens que tinham acumulado e as almas que tinham adquirido em Harã, e eles passaram a sair, a fim de ir para a terra de Canaã. (Gên. 12: 1-5)⁸⁰

Entretanto, logo se confronta com a fome, razão pela qual, inicialmente, migrou para o Egito (Gen.12: 10), onde conquistou muitos bens através do Faraó, o que permitiu o seu retorno à Canaã, com isso, além de Abrão toda a sua descendência seria privilegiada pelos eternos laços divinos, deste modo, vemos uma promessa no capítulo 17:

E vou [Senhor] fazer o meu pacto entre mim e ti, para multiplicar-te muitíssimo. Em vista disso, Abraão lançou-se por terra, e Deus continuou a falar com ele, dizendo: “Quanto a mim eis que meu pacto é contigo, e tu te tornarás certamente pai duma multidão [...] E vou fazer-te muitíssimo fecundo e vou fazer que te tornes nações, e reis sairão de ti. (Gên. 17: 2-6)⁸¹

Desta maneira, o pacto seria marcado pela circuncisão de toda a linhagem oriunda de Abraão e Sara, assim, seu filho, Isaque, prosseguiu a aliança da referida descendência ao se casar com Rebeca, juntos tiveram Esaú e Jacó – após a morte de sua mãe – o que também deixou Abraão viúvo. Não demorou, todavia, para que ele se

⁸⁰ BÍBLIA. Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, 1986. Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, p. 19.

⁸¹ Ibidem, p. 24.

relacionasse com outra mulher, com a qual teve seis filhos, antes, é importante lembrar que Abraão já era pai de Ismael, que, por seu turno, deu a vida a mais doze filhos.

Por fim, Abraão morreu aos cento e setenta e cinco anos, isto posto, Isaque recebeu a benção divina, destarte, quando envelheceu foi ludibriado pelo próprio filho, haja vista que Jacó passou pôr seu irmão (Esaú) para obter a benção do pai (Gên. 27: 15-30), circunstância que lhe proporcionou ameaças e, conseqüentemente, a fuga, não obstante –, após gerar doze filhos – terminou em reconciliação. Ademais, Jacó também teve a benção de Deus:

Disse-lhe Deus: Teu nome é Jacó; não se chamará mais teu nome Jacó, mas Israel será teu nome. E chamou seu nome Israel. Disse-lhe também Deus: Eu sou o Deus Onipotente: Cresce e multiplicate; uma nação e multidão de nações procederão de ti. A terra que dei a Abraão e a Isaque, dá-la-ei a ti e à tua descendência. (Gên. 35: 10-12)⁸²

Com o decorrer do tempo, José, filho de Israel, foi ao Egito, lugar em que se transformou num grande senhor de terras, desta forma, quando a fome atacou Canaã,⁸³ o Faraó (egípcio), bem como José, invocaram a migração de sua família para o Egito, Israel, todavia, titubeou, e ofereceu um sacrifício a Deus, a fim de saber se aquele era o caminho mais apropriado, segundo o Gênesis, Deus teria aceitado, e, ainda, prometeu que sua linhagem se tornaria em uma grande nação.

Deste modo, Jacó migrou para o Egito com todos os seus descendentes e bens materiais, por meio das carroças disponibilizadas pelo Faraó:

Depois disso, Jacó se levantou de Berseba, e os filhos de Israel continuaram a transportar Jacó, seu pai, e seus pequeninos, e suas esposas, nas carroças que Faraó enviara para transportá-los. Além disso, tomaram consigo suas manadas e seus bens que tinham acumulado na terra de Canaã; por fim entraram no Egito, Jacó e toda a sua descendência com ele. Trouxe consigo seus filhos e os filhos de seus filhos, suas filhas e as filhas de seus filhos, sim, toda a sua descendência [ele trouxe] consigo ao Egito. (Gen. 46: 5-7)⁸⁴

Após se introduzirem no Egito e, ganharem posições sociais de grande relevância – principalmente depois que os doze filhos de Jacó receberam as bênçãos de

⁸² Ibidem, p. 53.

⁸³ Nesta altura, a fome atingiu Canaã, mas também chegou ao Egito, contudo, em virtude do planejamento urbano as ofensivas geradas pela fome foram retardadas.

⁸⁴ Ibidem, p. 70.

seu pai um pouco antes de morrer (Gen. 49: 1-27), e, por fim, constituíram as doze tribos de Israel, assim, tivemos a consolidação da promessa divina, isto é, da constituição de uma nação.

Com isso, podemos dizer que, muito em conformidade com o trabalho “O patriarca e o filho das entranhas”⁸⁵, de Anderson Gomes, a formação do povo judeu se deu a partir da linhagem do ciclo (patriarcal) Abraâmico – Abraão, Isaque, Jacó e os seus doze filhos –, segundo (Êx. 1: 1-7) houve um crescimento exponencial dos “filhos de Israel”, entretanto, com a morte de José (Gên. 50: 22-26) surgiu um grande impasse no que se refere à permanência destes no Egito. Gomes retoma algumas passagens de Êxodo para apontar a incompatibilidade pós-José que emergiu entre o Egito e o povo que descendeu dos filhos de Israel, como resultado se instituiu o extermínio de meninos:

*Provavelmente por dois motivos principais: o primeiro dizia respeito à inquietação inicial das autoridades egípcias quanto à possibilidade de fortalecimento da capacidade bélica dos filhos de Israel e possível aliamento destes com potências estrangeiras invasoras [...] O segundo, mais hipotético, se referia à própria noção da sucessão de parentesco entre os descendentes de Jacó, que era, de acordo com o que foi visto até aqui, patrilinear: em se exterminando os membros masculinos dos clãs patriarcais dos filhos de Israel, conseqüentemente não haveria possibilidade de sucessão e continuidade da linhagem, fadando-os à completa aniquilação assim que os homens daquela geração morressem.*⁸⁶

Segundo o que consta, o faraó egípcio não obteve sucesso, a exemplo disso, aliás, outros ataques (como a escravidão e a privação da liberdade de retorno) foram proferidos sobre os “filhos [eleitos] de Israel”, assim, dez pragas enviadas por Deus acometeram o Egito (Êx. 7-10): praga de sangue, praga das rãs, praga dos piolhos, praga das moscas, praga no gado, praga das úlceras, praga de granizo, praga dos gafanhotos, praga das trevas, praga do primogênito.

Por meio desta última, ocorre a libertação do povo eleito, no que toca à escravidão egípcia, e ainda assim acontecem perseguições, que, só chegaram ao fim após

⁸⁵ PAIVA, Anderson. *O patriarca e o filhos das entranhas: Análise das relações de parentesco e covidência no ciclo abraâmico*. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/.../ANDERSON_GOMES_DE_PAIVA.pdf> Acesso: 31/08/2018.

⁸⁶ Idem ibidem, p. 91.

a clássica passagem em que Deus através do profeta Moisés teria aberto o Mar Vermelho para a travessia dos filhos [eleitos] de Israel (Êx. 14: 21-28):

Moisés estendeu então a mão sobre o mar, e Jeová [Senhor] começou a fazer o mar retroceder por meio dum forte vento oriental, durante toda a noite, e a converter o leito do mar em solo seco, e as águas foram patidas. Por fim, os filhos de Israel passaram pelo meio do mar em terra seca, enquanto as águas eram para eles como muralha à sua direita e à sua esquerda [...] os egípcios fugiram do seu encontro com ele, mas Jeová [Senhor] desembarçou-se dos egípcios no meio do mar. E as águas voltavam. Por fim cobriam os carros de guerra e os cavalarianos, pertencentes a todas as forças militares de Faraó e que haviam entrado no mar atrás deles. Nem mesmo um só deles se deixou sobrar [egípcios]. (Êx. 14: 21-28)⁸⁷

É possível perceber uma continuidade sobre a divina proteção da linhagem abraâmica (Abraão, Isaque, Jacó e 12 tribos) na tradição da narrativa bíblica, o que se seguiu até a formação de um povo (judaico), fato que explica a definição de Roudinesco, quando aponta que mais do que a religião, propriamente, é a linhagem [abraâmica] que torna a condição do sujeito em um judeu, desta forma:

Ser judeu, portanto, não é como ser cristão, porque, mesmo que um judeu abandone sua religião, ele continua a fazer parte do povo judeu e, portanto, da história desse povo: é a sua judeidade, sua identidade de judeu sem deus, por oposição à judaidade dos que permaneceram religiosos. Nenhuma religião jamais retomou essa ideia: com efeito, segundo a lei judaica, continua-se judeu (no sentido da judeidade) mesmo que se tenha deixado de ser judeu (no sentido do judaísmo ou da judaidade). E se é judeu de modo definitivo e sem retorno possível, seja por filiação materna, seja por conversão.⁸⁸

Contudo, é importante destacar que todo o esforço da reflexão consiste em problematizar sobre o que é ser judeu, desta feita, procuramos compreender a figura particular do “judeu” em *Oliver Twist*, de Charles Dickens. Para tanto, dividimos este capítulo em três momentos, basicamente: 1) Contextualização histórica do autor; 2) Contextualização histórica da obra e; 3) Contextualização histórica da questão a ser melhor trabalhada na próxima etapa.

Na sequência do trabalho, portanto, pretende-se analisar a questão específica do judeu na personagem Fagin, de tal sorte que mobilizamos inicialmente o conceito de anti-semitismo, pois consideramos a pertinência de todo debate que se estende até os dias de

⁸⁷ BÍBLIA, op. cit., p. 96.

⁸⁸ ROUDINESCO, op. cit. p. 18.

hoje, lembramos, a título de exemplo, os trabalhos, “Fagin, o Judeu”, de Will Eisner (2003), “A imagem do judeu na literatura britânica: Shylock, Barrabás e Fagin”, de Celi Barbosa dos Santos e Silvio Ruiz, entre outros.

3. Análise do personagem Fagin, “o judeu”

*“Sou Fagin, membro de uma raça nobre mas dispersa!
Os judeus, que muitas vezes foram forçados a sobreviver na fétida,
úmida e esqualida miséria da madrugada londrina,
não são ladrões por opção!”*
Will Eisner

Antes de iniciar a análise interna, parece prudente fazer algumas considerações preliminares acerca da fonte histórica. Em primeiro lugar, o texto “*Oliver Twist*”, de Charles Dickens, publicado originalmente em versão mensal de folhetim (1837-39) pela revista literária *Bentley’s Miscellany* e, apenas posteriormente, em livro (volume, 1838). Devemos, com isso, enfatizar que apenas o formato livro será examinado aqui, deste, pautamos não mais que a tradução da editora paulista Hedra.

Trata-se de retomar o trabalho de tradução desenvolvido em 1870, por Machado de Assis, no que se refere ao periódico carioca “*Jornal da Tarde*”, vale ressaltar que sua tradução foi interrompida na metade do capítulo 28, muito provavelmente em decorrência de motivos financeiros:

*No dia 14 de junho de 1870, Machado escreveu uma carta a um deputado ligado ao Jornal da Tarde avisando que não ia continuar com o trabalho de tradução após o dia 18 de junho. Alegava o seguinte: “uma circunstância que me obriga a modificar aquela resolução [de completar o trabalho] (MAGALHÃES, 1981, p.83). Seus biógrafos não apontam a causa desta desistência, mas Magalhães acha que pode ter sido por dificuldades no pagamento do trabalho contratado”.*⁸⁹

Na ocasião o trabalho estava sendo realizado a partir do francês, uma vez que desde a época pombalina o ensino do idioma tornou-se obrigatório, o que não deixou de sofrer grandes adaptações em relação ao texto em inglês:

⁸⁹ SALEM, Robert. *Oliver Twist no Brasil: A tradução do anti-semitismo de Machado de Assis a Will Eisner*. Salvador: Universidade Federal da Bahia (dissertação de mestrado). Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8651>> Acesso: 10/10/2018. 2010. p. 71.

Cabe destacar que se a tradução de [Alfred] Gerardin [francesa] já apresentava algumas liberdades com relação ao texto inglês, o trabalho de Machado aumentou-as ainda mais [...] Em alguns momentos, certamente para obedecer a lógica do gênero folhetinesco, o bruxo acrescentou algumas expressões para aguçar o espírito do leitor.⁹⁰

De acordo com Salem, Machado minimiza a dramaticidade que emana do período vitoriano para torná-lo mais palatável ao público, seja como for, a paralisação das atividades folhetinescas praticamente na metade da obra produziu uma nova abordagem no que se refere à tradução:

Não dava para o jornal contemplar a descontinuidade da publicação de um romance em pleno percurso. Para evitar qualquer interrupção, a tradução foi continuada imediatamente por outro tradutor, cujo nome não chegou ao nosso conhecimento.⁹¹

Ricardo Lísias, muitos anos depois, em 2002, aceitou o convite da editora Hedra de concluir a tradução machadiana. Assim, foi preciso fazer uma longa pesquisa sobre o estilo, linguagem e etc., acerca do material da década de 1870, de modo a preservar a unidade do texto, particularmente porque a tradução não apenas seguiu a tônica da obra original em inglês, como também organizou a transferência do suporte folhetinesco para o livro em formato de volume.

É evidente que restaram resquícios históricos da obra em folhetim para o livro no que tange à narrativa, segundo Ricardo Lísias:

Não é difícil identificar, aqui e ali, as marcas de folhetim em Oliver Twist [volume]. Além da sucessão quase contínua de aventura, às vezes anunciadas para criar efeito de suspense, e outras lançadas com surpresa para aguçar a curiosidade do leitor, a própria construção da trama, tecida por meio de personagens que, se não são complexas, ao menos representam fielmente o principal traço que Dickens lhes confere, parece favorecer a publicação seriada.⁹²

Antes de concluir esta apresentação, é preciso ter em mente o caráter realista de Charles Dickens, que, muito além da subjetividade romântica, procura expor um direcionamento objetivo para a narrativa, a exemplo do cientificismo positivista, razão

⁹⁰ Idem ibidem, p. 20.

⁹¹ Idem ibidem, p. 71.

⁹² LÍSIAS, Ricardo. *Introdução*. In: Oliver Twist. São Paulo: Hedra. 2002, p. 12.

pela qual o lado sombrio da pobreza, do crime e da fome aparece em sua literatura, sem rodeios.

Segundo Raymond Williams, as questões mundanas não se desconectam do homem como idealizava o romantismo, fato que mobiliza o engajamento social do realismo. Tânia Rodrigues, a propósito deste assunto aponta que:

Com o Realismo o romance deixa de ser apenas distração e torna-se meio de crítica a instituições, à hipocrisia burguesa (avareza, inveja, usura), à vida urbana (tensões sociais, econômicas, políticas) à religião e à sociedade, interessando-se pela análise social pela representação da realidade circundante, do sofrimento, da corrupção e do vício. A escravidão, o racismo e a sexualidade são retratados com uma linguagem clara e direta.⁹³

Nesse sentido, podemos observar em Oliver Twist uma crítica às instituições de caridade, bem como ao trabalho infantil, delinquência e etc., daí, aparece a figura central do judeu na criminalidade. De modo geral, o objetivo do trabalho consiste em compreender a representação do judeu na obra, desta feita, observamos a seguir uma síntese do romance.

Síntese da obra Oliver Twist de Charles Dickens.

O romance Oliver Twist, de Charles Dickens, traz à tona uma dura crítica sobre o submundo de uma era marcada pelo desnível social, de tal sorte que o protagonista que dá título à obra nasce em meio à miséria produzida no período vitoriano, e permanece sob os cuidados do asilo da mendicidade em sua cidade natal, depois é transferido para a casa de crianças abandonadas com o fito de receber atenção materna até retornar aos nove anos ao asilo de origem a fim de aprender um ofício.

Antes de ser contratado para confeccionar caixões pela família Sowerbarry, Oliver passou por diversas situações de maus tratos nas famigeradas instituições de caridade.

⁹³ DOURADO, Tânia Marcília. *Discurso da Reparação: Análise da intertextualidade de Fagin, O Judeu de Will Eisner como desconstrução do estereótipo do judeu em Oliver Twist de Charles Dickens*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará (dissertação de mestrado). Disponível em: <www.uece.br/posla/dmdocuments/taniamarciliarodriguesdeandradedourado.pdf> Acesso: 12/10/2018. 2009. p. 72.

Em seguida, conseguiu se destacar no exercício da função atribuída pelos “empresários de enterro”, mas, não demorou a se envolver em uma grande confusão movida pela inveja de um antigo funcionário da família, o Sr. Nóe Claypole, fato que lhe custou novas agressões e a consequente fuga para Londres.

No caminho se deparou com Jack Dawkins, um menino das ruas londrinas no sentido mais amplo do termo, que se dispôs a ajudá-lo com abrigo, mantimentos e etc. Em pouco tempo, encontravam-se em uma morada de ladrões, onde estava o judeu Fagin – líder da quadrilha organizada em roubo de joias e bugigangas –, preparando um jantar para o início de mais uma noite de orientação e adestramento para a vida noturna do crime.

Ao longo da história, é possível observar uma linha tênue entre a sombra da denúncia e a sagacidade típica da profissão, expressa na vida do astuto judeu, principalmente porque a chegada do protagonista, Oliver, não significou, nem de longe, a consolidação de uma tranquila aliança, dado que o antagonismo moral separava o espírito deles, de tal maneira que a criança tentou a saída do bando ao descobrir que se tratava de uma organização criminosa.

Desde logo, é preciso enfatizar que Oliver acreditava estar em meio a um grupo de trabalhadores, por isso realizou diversos pedidos para acompanhá-los. No entanto, Fagin teve sempre o cuidado de negar, até que certa vez após um escasso dia de ganho o autorizou; contanto que fosse sob a supervisão de Carlinhos Bates e Dawkins – dois grandes companheiros do crime –, assim, durante a primeira longa incursão um roubo resulta na súbita prisão do jovem protagonista.

A propósito, aconteceu que enquanto aguardava ansiosamente pelo trabalho, os seus dois companheiros – Carlinhos e Dawkins –, guiados pela experiência, roubaram um lenço e saíram sutilmente de cena, Oliver, surpreso com a situação, sucumbiu aos impulsos instintivos, entre gritos exasperados, correu; daquela maneira, o grupo se

apresentava ao pobre menino, mas já era tarde para se dispersar com a mesma plasticidade da dupla.

Destarte, o menino foi inevitavelmente capturado pela multidão e levado às autoridades competentes por demonstrar atitude suspeita, assim, enquanto os esclarecimentos eram feitos, de um lado. Do outro, os meninos do bando empenhava-se em explicar o ocorrido ao judeu, que, por vezes se sentiu ameaçado pela provável investigação policial sobre a quadrilha.

Daí, após ser liberada, a criança foi acolhida pela própria vítima, o respeitável Sr. Brownlow – que se prontificou a acompanhá-lo por toda a vida –, se bem que no início a desconfiança sobre o seu caráter ainda era uma questão a ser resolvida, para si e para o seu grande amigo, Sr. Grimwig, particularmente porque após realizar um teste de honestidade (diga-se, frustrado) em que Oliver deveria pagar o livreiro, sem transvios, o menino acabou sequestrado pela quadrilha, roubado e impossibilitado de retornar.

Nesse contexto, Oliver tentou argumentar, propondo, inclusive, o seu próprio confinamento em prol da honra, ou antes, da confiança de Brownlow, passagem que marca o alto tributo moral do período, dado que o personagem preferiu renunciar à liberdade em favor de um bem maior, no entanto, nem com todo o esforço foi possível evitar as vontades do grupo que o entregou aos braços do então “paciente” judeu, Fagin.

Para a quadrilha de maneira geral e, especialmente para o judeu, tratava-se de adquirir a confiança do personagem, a fim de garantir a coesão da quadrilha, de tal sorte que Oliver atendeu às exigências de Fagin e Sikes de compor (obrigatoriamente) a linha de frente do roubo organizado, todavia, isso não significou a completa integração do jovem, haja vista que no primeiro fatídico assalto acabou abandonado, ferido à própria sorte.

Novamente, o jovem protagonista estava no limite entre a vida e a morte, como era comum entre as crianças abandonadas. Agora, porém, procurou ajuda na casa que há

pouco estivera, mas foi escorraçado pelos guardas, nem por isso deixou de ser acolhido pela família Maylie, logo os laços de amizade se enraizaram, de modo que não era mais possível separá-los, contudo, as dores também foram reciprocamente compartilhadas.

Paralelamente, Dickens apresenta novas personagens, e um importante diálogo entre Monks e a Sra. Bumble. Se o primeiro parece demonstrar certa cumplicidade com Fagin ao longo de toda a narrativa, a outra guardava consigo a companhia do bedel, o Sr. Bumble, ademais, carregavam algumas peças dos mistérios de um segredo –, daí sua importância para história.

Neste diálogo, uma moribunda chamada Sally diz ter roubado o anel de Agnes Fleming, mãe de Oliver Twist. Nele, consistia o registro da união dela com Leeford.⁹⁴ Posteriormente, Monks, consegue a posse do anel para em seguida destruí-lo, uma vez que constava a relação paterna de Leeford com Oliver. Nó, aliás, que só se desfaz no final da história com a revelação do mistério.

Algum tempo depois, Nancy, integrante da quadrilha organizada descobre que Oliver foi vítima do conluio de Monks. O que foi determinante para que ela repassasse informações do grupo à família Maylie. Inclusive, com relação ao endereço. Nesse momento, Noé Claypole, espião, escuta parte da revelação e decide comunicar a gangue sobre a traição de Nancy.

No que segue, observamos um dos grandes e significativos reencontros na obra que envolveu Oliver e Brownlow. Nesta ocasião, para além da amizade, estavam em jogo questões relacionadas ao caráter do jovem, posto que somente após a explicação pormenorizada de Rosa sobre o sequestro e suas consequências foi possível conquistar a confiança do Sr. Brownlow, a partir daí, também, inicia-se a investigação sobre a quadrilha organizada.

⁹⁴ Leeford, pai de Oliver Twist e Monks. Este último produto de outro relacionamento.

Naquela altura havia pouca organização, a revelação de Nancy chegava ao grupo como uma bomba prestes a explodir, em consequência disso, a garota foi brutalmente assassinada por Sikes. Tudo isso, entretanto, estava longe de marcar o fim da investigação, mas, ao invés disso, o segredo que conduz toda a narrativa vem à tona com o encontro de Brownlow e Monks.

Nele, a grande revelação de Brownlow produziu sentido às peças soltas, segundo o qual Monks teria, em conluio com a mãe, ocultado parte da herança destinada a Oliver (a destruição dos anéis, exemplifica) visto que o seu pai também possuía outra família – razão pela qual dividiu em atestado a herança. No entanto, como a morte o embebeu por acaso – a caminho de regularizar os pertences do também falecido tio em Roma – deixando, com efeito, a mãe de Monks, (e ex-mulher) dar cabo de toda a herança a seu modo.

Portanto, não houve como negar argumentos de igual envergadura, de tal sorte que procurou-se insistir que Monks devolvesse a parte da herança ao pequeno protagonista como de direito. Ainda convém dizer que pediu à criança que partilhasse a sua parte, a fim de dar-lhe uma nova oportunidade, e então a criança foi adotada pelo senhor, onde dispuseram de muita felicidade, sem perder de vista as lições de sua história.

No que se refere a Monks, podemos dizer que pouco antes de revelar a história havia declarado ódio a Oliver por considerá-lo a principal fonte de ruína da mãe, visto que ao ser descoberta pela família, acabou abandonada. Assim, o judeu, Fagin foi pago para manter o pequeno nas sombras londrinas, sem quaisquer glórias. Provavelmente daí se explica em grande medida a preocupação manifesta sobre o menino ao longo de toda a narrativa.

Em virtude dos fatos mencionados, o judeu acabou preso e condenado à forca, precisamente depois da denúncia de Claypole pelo conjunto dos seus crimes, não havendo, com efeito, nenhuma piedade que explicasse o fim trágico do judeu, ao contrário disso ocorreu uma vibração bastante positiva. Vale lembrar ainda que Sikes

morreu em fuga da polícia, Betty enlouqueceu, Monks havia retornado ao mundo do crime, Claypole saiu e virou espião do fisco, os Bumbles viraram indigentes, Bates mudou de vida e decidiu abandonar o mundo das sombras e Rosa aproveitou a feliz vida de casada acompanhando também o feliz desdobramento de Oliver e Brownlow.

Neste triunfante desfecho há uma personagem que esteve longe de se recuperar, talvez condenada antes mesmo pela própria natureza judaica, Fagin, que acabou a história como começou: sem voz. Esta questão discursiva aparece como objeto de reflexão de vários trabalhos, entre os quais destacamos: “*Fagin, o judeu*” de Will Eisner (2009), “*O discurso da Reparação*”, de Tânia Andrade Dourado (2009), “*Oliver Twist no Brasil*”, de Robert Salem (2010) e “*A imagem do judeu na literatura britânica*”, de Celi Barbosa dos Santos & Silvio Ruiz Paradiso (2012).

A Fabricação histórica de um Discurso

A compreensão de “discurso” adotado pela linguista e pesquisadora em análise do discurso, Helena Nagamine Brandão parece abrir um caminho, entre tantos outros, bastante promissor para a presente análise, pois:

Podemos definir discurso como toda atividade comunicativa entre interlocutores; atividade produtora de sentido que se dá na interação entre falantes. O falante/ouvinte, escritor/leitor são seres situados num tempo histórico, num espaço geográfico, pertencem a uma comunidade, a um grupo e por isso carregam crenças, valores culturais, sociais, enfim a ideologia do grupo, da comunidade de que fazem parte. Essas crenças, ideologias são veiculadas, isto é, aparecem nos discursos. É por isso que dizemos que não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem. Às vezes, esses sentidos são produzidos de forma explícita, mas na maioria das vezes não.⁹⁵

É importante levar em consideração, segundo essa abordagem, o suporte, o gênero e outras variáveis extratextuais na construção de sentido do discurso, bem como na ação produzida sobre os interlocutores capazes de legitimar determinadas posições ideológicas. Neste sentido, observamos o uso do termo “judeu”, reiteradamente utilizado

⁹⁵ BRANDÃO, H. H. N. *Analisando o discurso*. Portal da Língua Portuguesa (mimeo), s/d. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Brandao_AnalisandoODiscurso.pdf> Acesso em: 15/10/2018.

para caracterizar o personagem Fagin, expressão que aparece pelo menos cinquenta vezes ao longo da narrativa.⁹⁶

A primeira passagem do judeu na obra ocorre no final do oitavo capítulo, quando Jack Dawkins, ou simplesmente, o Matreiro, como era conhecido, chega com Oliver Twist às instalações do judeu:

– O Matreiro empurrou a porta de um quarto e introduziu Oliver. As paredes e o teto estavam sujos pelo tempo e pelo desmazelo. Diante da lareira, em uma garrafa, duas ou três canecas de estanho, um pão, manteiga e um prato. Estavam ao fogo algumas salsichas, ao pé das quais se achava um velho judeu com um garfo na mão. O rosto do judeu estava todo cortado de rugas, e as feições ignóbeis e repelentes desapareciam em parte debaixo de uma camada de cabelos ruivos que lhe caía pelas fontes; vestia um chambre velho de flanela, não tinha gravata e parecia dividir a sua atenção entre a assadeira e uma corda onde estava pendurada uma porção de lenços.⁹⁷

No trecho destacado acima temos a descrição de um ambiente sujo e hostil, o que pode se associar ao comando estabelecido pelo judeu (que não tem o seu nome revelado), que cozinhava salsichas, tranquilamente, como se estivesse familiarizado com a sujeira. Contudo, vale ressaltar que se trata de um velho com o rosto marcado pela ação histórica do tempo. Isto posto, requisita-se saber: afinal, quem é o judeu? Como se deu a sua história de vida? Qual é a contribuição do judeu na obra?

Na acepção da narrativa do século XIX, a representação do judeu se dá por meio de estereótipos oriundos da literatura colonial, como sugeriu a pesquisadora Tânia Rodrigues Dourado:

*O estereótipo é a principal estratégia discursiva da literatura colonial e o romance Oliver Twist de Charles Dickens surge como emblema desse tipo de discurso em que fala o senso comum, a naturalização de um discurso particular como sendo universal. O objetivo do discurso colonial, ressaltava Bhabha, é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial, o que justifica a conquista e o estabelecimento de sistemas de administração e instrução.*⁹⁸

Isso, conseqüentemente, produziu o apagamento histórico do outro e a naturalização do ódio e do preconceito, de modo que a figura do judeu na obra se

⁹⁶ SANTOS, Celi & PARADISO, Silvio. *A imagem do judeu na literatura britânica*. Mandaguari: Diálogos & Saberes. V. 8, n. 1. Disponível em: <<http://seer.fafiman.br/index.php/dialogosesaberes/article/download/277/269>>. Acesso em: 15/10/2018. 2012. p. 227.

⁹⁷ DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo. Hedra. 2002. p. 92.

⁹⁸ DOURADO, Tânia Marcília. Op. cit. p. 10.

apresenta como: um velho, ladrão e judeu, que se empenha em aliciar crianças para o crime organizado. Não temos, reforço, qualquer indício sobre a vida que precedeu o crime, deste modo:

Havia no quarto [do judeu] uma porção de ruins camas feitas com sacos velhos. À roda da mesa, quatro ou cinco crianças da idade do Metreiro fumavam cachimbo e bebiam licor com ares de rapazes feitos [...] Fez-se [o judeu] um grande cumprimento a Oliver; travou-lhe da mão e disse que esperava ter a honra de estreitar relações.⁹⁹

Na mesma direção, Fagin procura integrar Oliver ao bando na passagem que marca o primeiro contato entre o judeu e Oliver Twist. Assim, constrói-se o eixo principal da narrativa até os últimos capítulos, quando a tensão derivada da extrema moral maniqueísta, que separava a bondade de Oliver e a perversão de Fagin, chega ao limite com a morte do judeu.

De acordo com Tânia Dourado:

Além do melodrama, Dickens é criticado pela inverossimilhança dos seus enredos que se sustentam em coincidências pouco prováveis. Em sua escrita, o engraçado é cômico, grotesco, e sempre caricatural; o sério é melodramático; os bons são de uma bondade absoluta [a exemplo de Oliver]; os maus são de uma perversidade completa [a exemplo do judeu]; o bem combate o mal e vence, pois na época da Rainha Vitória predominava um puritanismo bastante rígido.¹⁰⁰

A partir do pressuposto de que o bem combate o mal na era vitoriana sugere que a imagem do judeu deve ser rechaçada, como podemos observar abaixo:

Houve, então, um pedido de silêncio e toda a multidão olhou à porta. O júri atravessou o salão à sua frente. Nada podia ser visto naqueles rostos; eram como feitos de pedra; nem murmúrio, nem suspiro. Culpado! O prédio tremeu ao ouvir um clamor; depois outro e mais um, como se fosse o estrondo de um trovão. Eram os clamores de festa da gente que, do lado de fora, pôs-se a comemorar quando soube que ele seria executado na segunda-feira.¹⁰¹

Desta forma, notamos que a comemoração do povo após a condenação do judeu explicita um sentimento de “ódio aos judeus”, o que Celi Santos e Silvio Paradiso

⁹⁹ Idem ibidem, p. 92.

¹⁰⁰ Idem ibidem, p. 75.

¹⁰¹ DICKENS, Charles. Op. cit. p. 472.

preferiram chamar de antissemitismo pela postura de ira da população, e por considerar o caráter do personagem uma ofensa contra o povo judeu em geral.

Muito além das generalizações, a parte final do romance desvenda – a partir do diálogo entre Monks e o Sr. Brownlow – o grande mistério da trama, isto é, de que Monks era irmão legítimo – por parte de pai – de Oliver. Fato este que concedia o direito à parte da herança deixada em atestado pelo pai, cuja única objeção em se tratando de menino consistia em não se degenerar para a criminalidade:

O testamento – disse o Sr. Brownlow para Monks – era do mesmo teor que a carta; falava de sua esposa que tanto sofrimento lhe trouxera, do temperamento rebelde e vicioso que legara a seu único filho, que aprendera da mãe a odiar o pai; e deixava, para ti e para a tua mãe, a cada um a anuidade de oitocentas libras; a parte grande de sua fortuna fora dividida em duas partes: uma ficaria para Agnes Fleming e a outra para seu filho, se ele chegasse à maioridade; caso a criança nascesse uma menina, receberia a herança sem outras condições; mas, se o mundo visse um menino, o pequeno teria acesso ao dinheiro se nunca desonrasse seu pai com atitudes desonestas, covardes ou vis; fizera isso por conta da profunda confiança em que a criança herdaria para ti, pois, dado que as duas crianças eram iguais, ele reconhecia a prioridade para aquele que nunca tivera acesso a seu coração, pois desde a infância tratava o pai com frieza e aversão [...] Minha mãe, continuou Monks em voz alta – fez o que qualquer mulher teria feito: ateou fogo ao testamento. A carta nunca chegou ao seu destinatário; mas não foi apenas essa a prova que ela conservou da vergonha de Agnes; foi pelos seus lábios, e isso me faz amá-la ainda mais, que o pai soube da desonra da filha; cheio de vergonha, tomou a família e mudou-se para um local afastado em Gales e trocou o nome, para que os amigos não o pudessem encontrar; nesse lugar, caiu morto; a filha desaparecera pouco tempo antes; ele cruzara cidades e campos atrás dela; foi na noite em que voltou para casa, certo de que ela tirara a própria vida para salvar-se da vergonha, que seu coração não suportou e ele morreu.¹⁰²

Em consequência disso, Monks herdou toda a herança do pai, roubou a própria mãe, e, como se não bastasse, investiu financeiramente para que o judeu levasse o seu

¹⁰²

Idem ibidem, p. 460.

irmão ao mundo da degeneração – vemos implicitamente o estereótipo do judeu avaro que aceitou a proposta –, uma vez que significava a garantia, como previa o atestado, de que não dividiria a herança. Com o fim do diálogo, Monks recebeu uma nova oportunidade de se regenerar, pois, então, dividiram entre eles o que sobrou da herança.

Diferente de Monks, Claypole e Bates, Fagin não obteve uma nova chance de recomeçar a vida, muito pelo contrário, a comemoração final da população selava o fim do povo “judeu”. O conjunto desses fatores, com especial destaque para o apagamento histórico, nos leva à naturalização do mal na figura do judeu, e, portanto, à compreensão de que se trata de um antissemitismo, uma vez que a sua caracterização hostiliza, deprecia e expõe a cultura da identidade judaica.

A partir dessa premissa, Will Eisner retoma o discurso colonial de Charles Dickens por meio dos quadrinhos “Fagin, o judeu”, no início do século XXI, com o objetivo de desconstruí-lo para se aproximar da análise histórica. Dessa maneira, a figura do judeu é munida de uma identidade específica, como indica a escolha do nome: “Sou Fagin, o judeu de Oliver Twist. Esta é a minha história, que foi negligenciada no livro de Charles Dickens”,¹⁰³ fato que prontamente desnaturaliza o caráter preconceituoso e genérico da personagem da obra original.

Na sequência nos deparamos com a história de uma criança gerada da imigração judaica, órfão de pai e mãe, sem quaisquer prestígios perante a intolerante sociedade londrina, que logo se viu arriscando a própria sorte nas ruas da cidade, a exemplo do fidedigno pai, pois, como apontou Robert Salem, as circunstâncias histórico-sociais levaram à conjuntura de marginalização pelo menos até a emancipação judaica-civil dos anos 1830, quando um conjunto de leis introduziram o povo judeu no universo político, de modo que:

Não importa a ênfase, os judeus, que sempre constituíram uma pequena minoria nos países que permitiam a sua permanência, eram tolerados como uma comunidade que poderia ser útil ora para sofrer tributada, ora para emprestar dinheiro às autoridades, ou ainda para formar uma classe intermediária de pequenos comerciantes viajantes, fornecendo ao povo as

¹⁰³ EISNER, Will. *Fagin, o judeu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 5.

*poucas mercadorias que eles não conseguiram cultivar ou fabricar em casa, como, por exemplo, joias, artigos de armarinho e panfletos. Ficaram, normalmente, restritos a certas áreas específicas de moradia, proibidos de adquirir terras e excluídos da vida política, bem como da maioria das profissões.*¹⁰⁴

Alguns anos após se dedicar a vendas de roupas velhas, o Fagin de Eisner se envolve com o mundo do crime, como o personagem de Charles Dickens. Porém, diferente deste, aquele humaniza a figura do judeu. Assim, vemos a perplexidade da personagem ao se deparar com a morte, com o tempo ele se transforma no hábil ladrão do cânone inglês.

Ainda no que diz respeito a esta transformação, o narrador sugere que a condição de desamparo sofrida pela comunidade judaica na Inglaterra teve um importante papel para a situação particular da marginalidade de Fagin:

*Em Londres, finalmente me estabeleci. Já não era mais ingênuo e tinha dado adeus às promessas que me enchiam de esperança quanto a um belo futuro. Eu era o que os pivetes que trabalhavam para mim se tornariam um dia. Se eu não fosse judeu, quem sabem... se eu não tivesse perdido oportunidades ou sofrido o revés da prisão, ou se tivesse conseguido continuar trabalhando para o Sr. Salomão, talvez não estivesse aqui, atuando num golpe [criminoso] de rua com meu novo sócio, um larápio chamado Sikes.*¹⁰⁵

A partir do processo histórico apresentado por Eisner, percebemos que a associação entre judeu e ladrão está longe de ser um fenômeno oriundo da natureza imanente e nefasta do judeu – per si mesmo – como sugere Dickens, ao contrário, vemos uma estrutura social com características antissemitas que precede a marginalização do judeu e justifica a reprodução de estereótipos:

*A imagem popular e literária do judeu, no entanto, não conseguiu acompanhar essa mudança [histórica] na posição real da comunidade dentro da sociedade [...] Desde os tempos medievais, um estereótipo negativo do judeu se desenvolveu na Europa ocidental, persistindo até os dias de hoje.*¹⁰⁶

Nesse sentido, tendemos a concordar com a tese de que o discurso literário contribuiu para a difusão do antissemitismo – de forma intencional ou não –, conforme defendeu Celi dos Santos & Silvio Paradiso, no entanto, o assunto não é consensual entre

¹⁰⁴ SALEM, Robert. Op. cit. p. 34.

¹⁰⁵ EISNER, Will. Op. cit. p. 45.

¹⁰⁶ SALEM, Robert. Op. cit. p. 36.

os pesquisadores. Robert Salem, por exemplo, aponta em seu trabalho diversas linhas de interpretação que negam, por assim dizer, o antissemitismo, seja dizendo que a personagem teria sido inspirada em situações reais, seja dizendo que já havia se manifestado em favor da causa judaica.

Outros negaram o antissemitismo, pois, acreditavam na representação do judeu renegado em termos religiosos:

*Dickens fez de Fagin um judeu renegado, em termos da religião israelita. Esse lado do personagem, dizem, se mostra na sua primeira aparição, quando Oliver encontra fritando salsichas que são, provavelmente, fabricadas de carne de porco. E aparece novamente, no fim da vida de Fagin, quando ele rejeita o apoio da reza de correligionárias veneráveis, antes de ser enforcado.*¹⁰⁷

De acordo com Levítico, capítulo 11: 1-8, o senhor teria proferido a Moisés e a Arão os mandamentos sobre a alimentação, isto é, o que os filhos de Israel poderiam ou não comer, desta feita, a carne de porco pertencia à categoria dos alimentos proibidos, como podemos observar:

*E Jeová [Senhor] passou a falar a Moisés e Arão, dizendo-lhes: Falai aos filhos de Israel, dizendo: Esta é a criatura vivente que podereis comer dentre todos os animais que há sobre a terra. Toda criatura de casco partido e de fenda nos cascos, e que ruma, dentre os animais, é a que podeis comer. Somente isto é o que não deveis comer dentre os ruminantes e os de casco partido: o camelo, porque é ruminante, mas não tem casco partido. É impuro para vós. Também o procavia, porque é ruminante, mas não tem casco partido. É impura para vós. Também o porco, porque tem casco partido e tem fenda no casco, mas não é ruminante. É impuro para vós. Não deveis comer nenhuma carne sua e não deveis tocar no seu cadáver. São impuros para vós. (Le. 11: 1-8)*¹⁰⁸

Além da passagem das salsichas, Fagin rejeita as orações sugeridas por Oliver em um dos últimos diálogos entre o protagonista e o vilão da história, como algumas tendências acima registraram:

*[...] permita-me [Oliver] fazer uma oração por ti, peço por ti de joelhos e depois falamos até de manhã. Saia! Saia – respondeu o judeu, empurrando o garoto em direção à porta. – Diga-lhes que dormi e me leva daqui. Oh, Deus! Perdoe esse homem – exclamou Oliver cheio de lágrimas.*¹⁰⁹

¹⁰⁷ SALEM, Robert. Op. cit. p. 71.

¹⁰⁸ BÍBLIA. Op. cit., p. 149.

¹⁰⁹ DICKENS, Charles. Op. cit., p. 478.

Para essas vertentes, a aparição da problemática do “judeu” está longe de representar o antissemitismo – como propomos aqui –, posto que os diversos elementos já apontados, oriundos da cultura judaica, são negados, entretanto, há um segundo personagem que, a exemplo de Fagin, recebe a alcunha de judeu. E também é caracterizado como um ser inferior e insignificante:

*Você não abriu o embrulho no caminho para tirar duas ou três moedas? – perguntou Sikes com ar desconfiado. – Não se ponha com essa cara indignada; não seria a primeira vez que me bifaste alguma moeda. Agite o guiso. Isto queria dizer por outras palavras: toque a campainha. Apareceu outro judeu, mais moço que Fagin, mas quase tão ignóbil e repulsivo como ele.*¹¹⁰

Esses elementos corroboraram para a tese do antissemitismo, isso porque trata-se de uma ofensa (generalizada) sistemática contra o povo judeu. Assim, a figura de Fagin parece adentrar as vilanias do mundo em razão da sua condição de judeu, desta forma, Susan Meyer e Deborah Heller, seguindo Robert Salem interpretam a necessidade de manter o estereótipo antissemita de “judeu”, além disso, o pesquisador menciona a utilização de alguns recursos para o constructo da representação:

*Dos trabalhos de Fisch (1971), Heller (1990), Steyn (1995) e Felsenstein (1999), compilou-se uma lista extensa dos atributos do estereótipo do judeu, presentes no Fagin de Dickens. Deve-se lembrar, porém, que esse estereótipo negativo é uma montagem de muitos elementos. Alguns são imaginados ou míticos; outros são baseados na observação e exagerados pela imaginação popular ou artística; ainda, há outros que poderiam ser considerados não depreciativos em si, como o uso da barba e do chapéu de aba larga.*¹¹¹

Não podemos nos esquecer que tais recursos só fazem sentido quando são precedidos do silenciamento histórico como podemos observar no caso de Fagin e de Barney – o segundo judeu da história. Seja como for, muitos anos depois, Eliza Davis – esposa de um influente banqueiro judeu – fez duras críticas contra o estereótipo negativo do povo judeu, como Will Eisner registrou no posfácio da obra “Fagin, o judeu”.

Desta maneira, Dickens, que sempre negou as acusações de ser antissemita, procurou demonstrar a sua posição, de tal sorte que chegou a publicar o romance *Our*

¹¹⁰ DICKENS, Charles. Op. cit. p. 149.

¹¹¹ SALEM, Robert. Op. cit. p. 43.

Mutual Friend, onde o protagonista Riah se notabilizou por ser um judeu de grandes qualidades:

A criação de Riah não foi a única medida tomada por Dickens. Das várias revistas literárias que ele editava, começou a excluir contos e artigos com conteúdo anti-semítico. Mais importante para os efeitos deste estudo, na edição de Oliver Twist que ele revisou para o novo lançamento de 1867, excluiu, a partir de Capítulo 39 do romance, mais de 80%, pelo cálculo de Kerker, das referências a “the Jew”, substituindo o termo ofensivo por “He” ou “Fagin”.¹¹²

Apesar das considerações de Dickens, é possível dizer através dos indícios históricos – já discutidos aqui – que a obra teve uma grande contribuição no processo de construção da identidade londrina, de tal sorte que por mais que haja tolerância – convívio com os judeus – no discurso de Charles Dickens, faltava a integração social do judeu, que, em certa medida, contrapunha ao próprio período de emancipação da comunidade judaica. Desta forma, compreendemos a literatura como um recurso ideológico de transformação identitária, como podemos observar:

A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais [literárias, por exemplo]. Se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu [o povo judeu], isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá distinções que estão presentes também nas relações sociais.¹¹³

Nesse sentido, muitos grupos de cunho antissemita do século XX se apropriaram da imagem (simbólica) preconceituosa, canonizada por Dickens no século XIX, para promover o seu discurso social, assim, como registrou Eisner no posfácio de “Fagin, o judeu”: “Na verdade, o autor nunca pretendeu difamar os judeus. Mas ao referir-se a Fagin como ‘o judeu’ no livro todo, ele induziu o preconceito contra eles”.¹¹⁴ No entanto, diferente dele que acredita não ter havido intenção do escritor em produzir tal imagem antissemita, nós acreditamos que todos os indícios apontam para uma posição antissemita por parte do escritor.

¹¹² Idem ibidem. p. 47.

¹¹³ SILVA, Tomaz Tadeu. Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 14.

¹¹⁴ EISNER, Will. p. 123.

Uma última questão que por falta de tempo não foi possível analisar, são as ilustrações, pois, também reforçaria o argumento defendido aqui, isso porque George Cruikshank, primeiro ilustrador de *Oliver Twist*, a exemplo de todos os estereótipos já discutidos, produziu um perfil estereotipado de judeu para representar o vilão Fagin. A propósito disso, Eisner, comentou: “[...] responsabilizo Charles Dickens e George Cruikshank, seu ilustrador, por terem pintado Fagin como o estereótipo clássico do judeu”,¹¹⁵ fato, aliás, que será capítulo de um próximo trabalho.

¹¹⁵

Idem, p. 124.

Considerações finais

Procuramos demonstrar ao longo do trabalho que, mais do que entretenimento, o texto literário traz valores históricos capazes de transformar pessoas e a sua relação com o outro, de tal sorte que é o que justifica, em última instância, o esforço da presente pesquisa em problematizar a questão do judeu em *Oliver Twist*, de Charles Dickens.

Deste modo, constatamos o uso contínuo do termo “judeu” para descrever a personagem, Fagin, o que decorrem em concomitantes recursos depreciativos que expõe e generaliza a condição do povo judeu. Isso acontece também porque há um apagamento histórico do mesmo, daí, consequentemente, por exemplo, emerge a naturalização dos vícios.

No caso específico de Fagin, parece bastante claro a associação entre judeu e ladrão, que passa a todo instante orientando os “meninos de rua” para a criminalidade até a trágica condenação. Nela, levantamos diversas questões como o fato do judeu não receber oportunidade de se regenerar, como acontece com os demais vilões da obra; pior, há diversas comemorações pela tragédia, a morte do judeu, o que sinaliza o sentimento de ódio da população pelos judeus. Isto parece reforçar as denominações negativas da narrativa. Além disso, observamos as adjetivações negativas atribuídas a um segundo judeu na obra “tão ignóbil e repulsivo como ele [Fagin]”.

Na direção oposta deste discurso, Eisner em “Fagin, o Judeu”, desnaturaliza a situação do judeu através da história de vida da personagem, dessa maneira, acompanhamos o processo de exclusão social do protagonista antes de chegar às ruas londrinas, onde precisou encontrar meios próprios de sobrevivência em meio a todo desprezo ofertado pela sociedade da época, até adentrar ao mundo do crime – a exemplo do pai –, o que também podemos ver nas imagens em anexo. Este discurso permite enxergar todo o processo social por meio do qual a exclusão dos judeus se evidenciou na sociedade londrina.

Todas as informações advindas das comparações corroboram para a tese de que a obra de Charles Dickens, mais do que propiciar, gera um discurso antissemita, deste

modo, inclusive, será apropriada por grupos antissemitas no século XX para fundamentar o discurso colonial.

Bibliografia

- ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém: uma cidade, três religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 314-317.
- ARNS, Dom Paulo Evaristo. *A Técnica do Livro Segundo Jerônimo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007, p. 27.
- ARRAIS, Cristiano. *A Escola Metódica e o Conhecimento Histórico como problema*. Catalão: Universidade Federal de Goiás. 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/view/11389>> Acesso: 08/01/2018.
- ARRUDA, José. *A Grande Revolução Inglesa, 1640-1780*. São Paulo: FFLCH/USP, 1996.
- BARON, Salon. *Historia e Historiografia do povo judeu*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- BEZERRA, Sávio. *A prisão civil no Direito Internacional dos Direitos Humanos*. THEMIS (periódico), V. 7, nº 1. Jan./jul. 2009. pp. 309-338. Disponível em: <https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/50917/pris%c3%a3o_civil_direito_bezerra.pdf> Acesso: 01/04/2018.
- BÍBLIA. *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, 1986. Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, p.19.
- BRANDÃO, H. H. N. *Analisando o discurso*. Portal da Língua Portuguesa (mimeo), s/d. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Brandao_AnalisandoDiscurso.pdf> Acesso em: 15/10/2018.
- BRESCIANI, Stella. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 14.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 15.
- BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 15.
- CÁRDENAS, Viviane. *Dickens e a era vitoriana: Ascensão da Indústria, declínio do homem*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Trabalho de Conclusão de Curso). 2005. Disponível em: <<http://www.edufrn.ufrrn.br/bitstream/123456789/429/1/DICKENS%20E%20A%20ERA%20VITORIANA->

ASCENS%C3%83O%20DA%20IND%C3%9ASTRIA%20DECL%C3%8DNIO%20DO%20HOMEM.pdf> Acesso: 15/04/2018.

CHARLOT, Monica & MARX, Roland. (Orgs) Londres, 1851-1901: *A era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. In: ____A sociedade “dual” por excelência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 13.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro*. São Paulo: Editora Unesp, 1998, p. 18.

CHARTIER *apud* PACHECO. *As implicações do conceito de representação em Roger Chartier com as noções de habitus e campo em Pierre Bourdieu*. Londrina: ANPUH. XXII Simpósio Nacional de História. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.0051.pdf>> Acesso: 27/01/2018. 2005. p. 3.

CRACCO, Rodrigo. *A longa Duração e as Estruturas Temporais em Fernand Braudel*. Assis: UNESP (dissertação de mestrado). Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93349/cracco_rb_me_assis.pdf> Acesso: 23/01/2018. 2009. p. 55.

D’ALESSIO, Marcia B. M. *Teoria e história: uma relação tensionada*. Revista Internacional de Ciencias Humanas. V. 2, nº 1. Disponível em <journals.epistemopolis.org/index.php/humanidades/article/download/700/270>. Acesso: 08/01/2018.

DANTAS, Simone. *História e Historiografia nos séculos XIX e XXI: do cientificismo à História Cultural*. Jataí: Anais do I Congresso Regional do Curso de História. 2007. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(51\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(51).pdf)> Acesso: 07/Jan/2018.

DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Hedra. 2002, p. 160.

DOURADO, Tânia Marcília. *Discurso da Reparação: Análise da intertextualidade de Fagin, O Judeu de Will Eisner como desconstrução do estereótipo do judeu em Oliver Twist de Charles Dickens*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará (dissertação de mestrado). Disponível em: <www.uece.br/posla/dmdocuments/taniamarciliarodriguesdeandradedourado.pdf> Acesso: 12/10/2018. 2009. p. 72.

EISNER, Will. *Fagin, o judeu*. São Paulo: Companhia das letras, 2005, p. 5.

ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo. 2010, p. 48.

FERREIRA, Maria. A evolução do livro: do papiro ao iPad. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (trabalho de conclusão de curso). Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/1/92/1/MariaTRSF_Monografia.pdf> Acesso: 03/03/2018. 2010. p. 14.

GAIO, Gêssica. *A tarefa do Historiador no Alvorecer do Historicismo*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica (tese de doutoramento). Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=11402@1> Acesso: 08/01/2018. 2008. p. 93.

GRISNARD FILHO, Waldyr. *O Futuro da Prisão Civil do devedor de Alimentos: Caminhos e Alternativas*. São Paulo: Repertório IOB de Jurisprudência: Civil, Processual, Penal e Comercial, n. 17. Disponível em: <<http://sisnet.aduaneiras.com.br/lex/doutrinas/arquivos/090407.pdf>> Acesso: 01/04/2018. 1. quin. set. 2015.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2004, p.31.

MAUROIS, André. *Dickens*. Dominus Editora: São Paulo. 1963, p. 68.

MECCA, Edina; BROCK, Maria. *A infância retratada por Dickens, Twin e Burnett*. Erechim: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (trabalho de conclusão de curso). Disponível em: <<http://selesselm.upf.br/download/artigos-2010/le-edina-mecca-e-maria-brock.pdf>> Acesso: 01/04/2018.

PAIVA, Anderson. *O patriarca e o filho das entranhas: Análise das relações de parentesco e convivência no ciclo abraâmico*. São Paulo: Universidade de São Paulo (dissertação de mestrado). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-22022010-143924/publico/ANDERSON_GOMES_DE_PAIVA.pdf> Acesso: 31/08/2018. 2009.

PESAVENTO, Sandra. *História & História Cultural*. 2ed. Belo Horizonte. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 42.

PONTES, G. T. O olhar crítico de Charles Dickens sobre Londres do Século XIX. In: Anais do XI Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre: EDIPUCRS. v. 9. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/40.pdf>>. Acesso: 01/04/2018. 2011. pp. 844-852

PUGLIA, Daniel. *Charles Dickens: Um escritor no centro do capitalismo*. São Paulo: Universidade de São Paulo (tese de doutoramento). Disponível em: <http://www.spap.fflch.usp.br/sites/spap.fflch.usp.br/files/DLM_DANIEL.PDF> Acesso: 25/06/2018. 2008.

ROCHA, Ivan Esperança. *Dominadores e dominados na Palestina do século I*. In: História [online]. V. 23, n. 1-2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742004000200012&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 08/08/2018. 2004.

RODRIGUES, Henrique. *Lévi-Strauss, Braudel e o tempo dos historiadores*. São Paulo: Revista Brasileira de História. V. 29, nº 57. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v29n57/a07v2957.pdf>>. Acesso: 23/01/2018. pp. 165-186. 2009.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Retorno à questão judaica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SALEM, Robert. *Oliver Twist no Brasil: A tradução do anti-semitismo de Machado de Assis a Will Eisner*. Salvador: Universidade Federal da Bahia (dissertação de mestrado). Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8651>> Acesso: 10/10/2018. 2010. p. 71.

SANTOS, Celi & PARADISO, Silvio. *A imagem do judeu na literatura britânica*. Mandaguari: Diálogos & Saberes. V. 8, n. 1. Disponível em: <<http://seer.fafiman.br/index.php/dialogosesaberes/article/download/277/269>>. Acesso em: 15/10/2018. 2012. p. 227.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 14.

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 1987. V. 2 p. 179-224.

VASCONCELOS, Sandra. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Hucitec. 2007, p. 23.

WATT, Ian. *A Ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 41.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia de Bolso. 2011, p. 71.